

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A REPRESENTAÇÃO DA BAIXADA NA MÍDIA:
A COBERTURA DA CHACINA DE 31 DE MARÇO DE
2005**

JULIANA MARQUES ROCHA

RIO DE JANEIRO
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**A REPRESENTAÇÃO DA BAIXADA NA MÍDIA:
A COBERTURA DA CHACINA DE 31 DE MARÇO DE
2005**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

JULIANA MARQUES ROCHA

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de A. Soares

RIO DE JANEIRO
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a monografia **A Representação da Baixada na mídia: a cobertura da chacina de 31 de março de 2005**, elaborada por Juliana Marques Rocha.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Paiva de Araújo Soares
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Muniz Sodré de Araújo Cabral
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Profa. Ana Lucia Enne
Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ
Departamento de Comunicação – UFF

RIO DE JANEIRO

2005

FICHA CATALOGRÁFICA

ROCHA, Juliana Marques.

Representação da Baixada na mídia: a cobertura da chacina de 31 de março de 2005. Rio de Janeiro, 2005.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares

ROCHA, Juliana Marques. **Representação da Baixada na mídia: a cobertura da chacina de 31 de março de 2005**. Orientadora: Raquel Paiva de Araújo Soares. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como a Baixada Fluminense é representada na mídia, em especial nos jornais impressos. Procura-se ressaltar que são as imagens de pobreza, violência e segregação cultural que ganham força quando a região é lembrada nos veículos de comunicação. Para exemplificar isso, a pesquisa se debruça sobre as construções discursivas de textos jornalísticos relacionados à chacina de 31 de março de 2005, publicados em “O Globo”, “O Dia” e “Jornal de Hoje” (impresso da Baixada) no mês de abril. O projeto inclui também uma reflexão historiográfica sobre a representação da Baixada na mídia nos últimos 50 anos e mostra que existem retratos menos estigmatizados da região que ainda são pouco observados pelos grandes jornais.

A Deus por me dar força para seguir em frente e não desistir de meus objetivos, por enxugar meu pranto, por ouvir minhas preces e me guiar para rumos certos. Confio sempre no seu amor;

A minha mãe pela compreensão, pela dedicação, pelo colo, pelos risos nos dias de tensão e pelas incontáveis ajudas na realização deste projeto. Meu orgulho e minha fortaleza. Amo você;

A minha família, namorado e amigos queridos por entenderem que minha ausência em aniversários, reuniões, viagens, shows e outros eventos tinha uma linda justificativa. E por sempre acreditarem no meu tema e no desenvolvimento dele. Amo todos vocês;

Ao meu querido tio Peri pelos constantes suportes tecnológicos, pela prontidão em ajudar e pelo novo computador que fez com que esse projeto “andasse” bem mais rápido;

A minha orientadora Raquel Paiva, pelas sugestões, pelos ‘puxões de orelha’, pelas dicas, pela paciência e pelo estímulo;

A professora Ana Lucia pelo apoio, pelas dicas, pelas sugestões bibliográficas e pela excelente tese que escreveu sem a qual muitas discussões desse trabalho não seriam levantadas;

Ao professor Guilherme Peres, do IPAHB, pelas sugestões bibliográficas e pela prontidão em ajudar;

A equipe do Jornal de Hoje que me enviou todas as edições de jornais de abril sem qualquer ônus. Obrigada pela ajuda;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. BAIXADA FLUMINENSE: UMA DESCRIÇÃO DA REGIÃO	11
2.1 Outras <i>Baixas</i> dentro da Baixada Fluminense	14
2.2 O faroeste fluminense: imagens da violência na Baixada	18
2.3 Novas propostas para um antigo problema	23
3. REPRESENTAÇÃO DA BAIXADA NA MÍDIA: REFLEXÃO TEÓRIA E CONTEXTO HISTÓRICO	27
3.1 Construção do discurso sobre a Baixada Fluminense: uma análise historiográfica	35
3.2 Século XXI: a representação sobre a Baixada mudou ou não?	41
4. A VIOLÊNCIA NA BAIXADA GANHA PROPORÇÕES INTERNACIONAIS	46
4.1 O papel da mídia na identificação e exploração dos acontecimentos	49
4.2 A cobertura da chacina em três jornais cariocas: como a Baixada foi representada?	54
5. CONCLUSÃO	67
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
7. ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

Há muitos anos abro alguns jornais e leio informações sobre a Baixada que não condizem com a realidade e a história da região ou reforçam estigmas. Nasci, cresci e moro nessa região, o que me dá a vantagem de fazer essa observação com olhos locais, um ponto de vista *de dentro*. Não é, portanto, uma opinião meramente especulativa; A representação da Baixada tem, sim, falhas de proporções enormes.

Durante alguns meses do ano de 2004 trabalhei no JORNAL HORA H- publicado apenas na Baixada - e a experiência me trouxe algumas observações muito marcantes. Entendi que não só eu, mas muitos moradores dessa região esperavam por um jornalismo que fosse realmente interlocutor da realidade em que vivemos. Em muitas reportagens que fiz encontrei quem reclamasse que **só os assassinatos atraem os jornalistas para a Baixada** e que os eventos culturais e as propostas levantadas para resolver alguns problemas estruturais ganhavam espaço insignificante na mídia.

No mês de abril de 2005, abri os jornais e me deparei com aquilo que os moradores tanto reclamavam. O assassinato de 29 pessoas em Nova Iguaçu e Queimados, ocorrido em 31 de março daquele ano, mobilizou o olhar de jornalistas do Brasil e até do exterior para o acontecimento e suas repercussões. É claro que a chacina tinha uma importância indiscutível e que os jornais precisavam divulgar aqueles fatos e pressionar o estado para agilizar as investigações e punir os culpados. Mas o que se discute aqui é que dados mais positivos sobre a região, como a expressiva participação na economia estadual ou as diversas manifestações culturais, ganham pouco destaque no noticiário dos grandes jornais cariocas.

Na leitura das matérias sobre a chacina de 31 de março, encontrei também alguns discursos que reforçavam o senso comum de que a Baixada é o espaço da pobreza, da violência e dos problemas urbanos. Nessas matérias existiam radiografias da região, informando apenas o índice de analfabetismo, de violência, de casas com escassez de água e esgoto¹ como se a Baixada pudesse ser descrita apenas a partir desses indicadores.

A hipótese principal defendida neste trabalho é, portanto, a de que a Baixada ganha contornos na mídia carregados de estereótipos, responsáveis por reforçar um

¹ Entre os exemplos ver infográfico “Saiba mais sobre a região”, publicado em 11 de abril de 2005 no jornal O GLOBO (VER ANEXO 7.2). Mais exemplos desses discursos veremos no capítulo 4.2 deste projeto.

senso comum conservador, instaurado na década de 70, que associa a região a um local perigoso, abandonado pelo poder público e com péssimas condições de vida. Complementando essa hipótese, pretendo defender a idéia de que é a imagem da violência que ganha maior expressão quando se pensa a região. Embora os jornais de bairro de O GLOBO e O DIA tenham surgido na década de 90 com a proposta de se aprofundarem cada vez mais nas realidades locais e contribuir para a solução dos problemas da comunidade², são as representações negativas sobre a região que ainda predominam no discurso midiático.

Para confirmar essa hipótese, fiz um levantamento de matérias publicadas em três jornais cariocas – O GLOBO, O DIA, JORNAL DE HOJE (publicado em Nova Iguaçu) – no mês de abril de 2005, sobre o acontecimento da chacina em Nova Iguaçu e Queimados. Verifiquei como a Baixada Fluminense foi retratada nesses discursos; que aspectos da região eram ressaltados; e de que forma os três jornais enfatizaram aquele acontecimento, destacando também como as diferenças de linha editorial e segmentos ao qual se dirigem os impressos podem ser determinantes para uma maior ou menor atenção à Baixada Fluminense.

Além do estudo da cobertura da chacina nos jornais cariocas, trago neste trabalho outros indícios que comprovam minha hipótese principal e demonstram como a Baixada Fluminense é excluída de debates públicos estaduais (como a “desfusão” do estado do Rio³) ou não é lembrada por sediar importantes eventos culturais, como a Feira do Livro em Nova Iguaçu e o Fórum Social de Nilópolis. Os tons de surpresa no discurso jornalístico, quando acontecimentos positivos sobre a região são divulgados,⁴ também comprovam o quanto o senso comum sobre a Baixada Fluminense – que exclui a região dos bons índices de qualidade de vida estaduais - é reforçado pela mídia, não atenta às mudanças estruturais na Baixada Fluminense. Isso porque, como afirma a professora Raquel Paiva, narrativas fincadas em estratégias do senso comum funcionam com o propósito de reforçar as idéias concebidas e hegemonicamente vigentes na sociedade, independentemente da sua real pertinência no contexto histórico⁵.

Para desenvolver e fundamentar todas essas discussões, o trabalho faz o seguinte trajeto: No próximo capítulo, discutiremos como é constituída, qual a dimensão

² ENNE, A. 2002, p.101

³ Sobre esses eventos, ver capítulo 3.2 deste projeto.

⁴ Veremos alguns exemplos desses tons de surpresa no desenvolvimento do trabalho.

territorial e quais os índices econômicos, sociais e culturais que caracterizam a Baixada Fluminense. Nessa etapa, apresentaremos dados pouco ressaltados pela mídia e explicaremos por que razão a imagem da violência na região ganha expressão muito maior na mídia. Para esta última discussão, usamos como referência as discussões propostas pelo sociólogo José Cláudio Souza Alves no livro “Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense”. No tópico final deste capítulo apontaremos algumas sugestões para reduzir a violência na Baixada, enunciadas no documento “Impunidade na Baixada”, produzido meses após a chacina de 31 de março. Ainda neste tópico, discutiremos qual o espaço que a mídia oferece para iniciativas como o documento.

Já o terceiro capítulo pretende demonstrar como se constituiu, historicamente, a representação da Baixada na mídia e que novos (ou antigos) modelos de representação foram propostos para esse novo século. Para a primeira parte (análise historiográfica), uma obra de consulta essencial foi a tese de doutorado de Ana Lucia Enne, “Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidade na Baixada Fluminense”. Além disso, este capítulo traz uma reflexão teórica sobre a idéia de ideologia; sobre a constituição do “senso comum”; e sobre a questão do “estigma”, discussões importantes para fundamentar a temática principal deste projeto.

O quarto e último capítulo demonstra como a chacina de 31 de março garantiu a Baixada Fluminense representações nos jornais de vários estados brasileiros e até no exterior. Procuramos também ressaltar o quanto aquele acontecimento foi descontextualizado e tratado como um fato espetacular na história da região, o que só contribui para reforçar a idéia de que a Baixada é um “barril de pólvora”, onde a violência pode tomar novos rumos a cada instante. Essa é uma estratégia muito usada pelo jornalismo, como explica Louis Quéré – autor cujas reflexões serão fundamentais para a composição deste capítulo: “O jornalismo, ao defender os princípios da novidade e brevidade acaba corroborando com essa descontinuidade do *acontecimento*, desligando-o do passado”⁶.

No último capítulo encontram-se também as análises das matérias publicadas no mês de abril, nos jornais já citados, sobre a chacina ocorrida em 31 de março. O objetivo dessa etapa é exatamente analisar como foram desenvolvidas as representações

⁵ PAIVA, R. 2004, p. 5

sobre a Baixada Fluminense nesses textos e confirmar o que levantei como hipótese para a constituição desse projeto.

Essa forma de condução do trabalho foi a que considerei mais pertinente para explicar e analisar criticamente como a Baixada é representada na mídia. Entretanto, acredito que existem outras possibilidades de abordagem do tema e que poderiam ser agregadas ao trabalho. Entrevistar os moradores para entender como eles sentem-se representados pela mídia ou analisar como as rádios e jornais comunitários da Baixada representam a região são algumas ações que, com certeza, agregariam muito valor ao trabalho. O tempo, infelizmente, impediu que essas idéias fossem aplicadas.

Por outro lado, é importante ressaltar que esse tema não se esgota neste projeto e novas linhas de raciocínio sobre a representação da Baixada na mídia e a expressão da região no contexto estadual serão ampliadas em um projeto acadêmico futuro, possivelmente no mestrado.

Pretendo, por fim, que esse projeto contribua com uma reflexão crítica sobre a representação da Baixada nos meios de comunicação, haja vista a escassez de trabalhos teóricos sobre o tema. Acredito que este trabalho, e seu posterior desenvolvimento, possam indicar novos caminhos para uma constituição diferente da imagem da Baixada na mídia. Pelo menos, é isso que idealizo.

⁶ QUÉRE, L. 2005, p. 61

2. Baixada Fluminense: uma descrição da região

Segunda mais populosa região do Estado do Rio de Janeiro, com mais de três milhões habitantes, sendo superada apenas pela capital. Doze municípios que ocupam 5,5% do território do estado. Essa é a Baixada Fluminense, região cuja representação na mídia será tema central desse projeto. Antes de partir para essa etapa central, demonstraremos como é constituída, qual a dimensão territorial e quais os índices sociais, econômicos e culturais que caracterizam a região que durante décadas foi conhecida como dormitório de trabalhadores e onde a violência era considerada fator comum no cotidiano dos moradores.

Nas semanas e meses após a chacina de 31 de março, muitos jornais traziam matérias sobre o acontecimento, ilustradas com infográficos que “explicavam” ao leitor o que era aquela região, através de dados como número de municípios, taxas de analfabetismo, a renda mensal média e a taxa de homicídios⁷. A análise apresentada neste capítulo pretende ir além desses dados, descrevendo a região a partir de um balanço de dados positivos e negativos, sem reduzir a importância de um ou de outro na constituição do perfil geral da Baixada.

Antes de partir para a descrição de indicadores, é necessário explicar como se constitui a região, ação essa que gera discordâncias entre os pesquisadores que estudam a Baixada Fluminense. Para alguns, o grau de urbanização e a densidade populacional são os itens que definem a região, restringindo-a àquilo que a Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (Fundren) denominou de Unidades Urbanas Integradas do Oeste (UUIO). Essa classificação subdivide a Baixada em oito municípios, sendo esses: Belford Roxo, Queimados, Mesquita, Japeri, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Nilópolis. Essa é, inclusive, a classificação adotada pelo sociólogo e pesquisador José Cláudio Souza Alves, autor do livro “Dos Barões ao Extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense”.

Outro conceito geográfico também recorrente é o que expande a concepção da região para o entorno da Baía de Guanabara, incluindo municípios como Magé e São Gonçalo. Para os defensores desse conceito, entre eles o historiador e coordenador do

⁷ O jornal O GLOBO, em 11 de abril de 2005 trouxe um gráfico chamado “Saiba mais sobre a região” que trazia, entre outros dados, a taxa de analfabetismo e a renda mensal média na Baixada Fluminense (Ver ANEXO 7.1)

Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB) Gênesis Torres, a Baixada deveria ser chamada de "Recôncavo da Guanabara", ou seja, uma enseada em volta da Guanabara.

A vertente geográfica mais freqüente entre os estudiosos sobre a Baixada é a que divide a região em onze municípios: Nova Iguaçu. Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Mesquita, Paracambi, Japeri, Queimados, Magé e Guapimirim. "No entanto, mesmo onde esta classificação aparece, ela não está isenta de apropriações simbólicas. Parte-se, em geral, da concepção de que a Baixada Fluminense, em grande parte, "seria desdobrada de uma 'terra mãe', no caso Nova Iguaçu"⁸.

Em resumo, esse desdobramento histórico ocorreu da seguinte forma: No século XIX, as freguesias de Nossa Senhora do Pilar do Iguassu. São João Baptista de Trairaponga e Santo Antônio de Jacutinga entre outras receberam juntas a denominação de Nova Iguaçu. Nessa primeira formação, o município ocupou a área hoje distribuída por oito municípios. Na década de 40, um movimento emancipacionista faz desmembrar, de Nova Iguaçu, os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis e, nos últimos quinze anos, uma série de emancipações levou à criação também dos municípios de Japeri, Belford Roxo, Queimados e Mesquita. Portanto, Nova Iguaçu foi a "terra mãe" de sete dos onze municípios que constituem a classificação de Baixada mais freqüente.

A definição de Baixada difundida na mídia diverge, entretanto, da classificação anterior. Os jornais⁹, de uma forma geral, seguem a vertente da Comissão Consultiva do Patrimônio, do Governo Estadual, que estende a concepção de Baixada para municípios situados além da zona Oeste do Rio de Janeiro, como Itaguaí e Seropédica. Além desses dois, essa divisão inclui todos os municípios citados na classificação anterior, exceto Guapimirim. Por ser a definição mais usada nos veículos de comunicação e por ser esse um projeto de discussão sobre a representação da Baixada na mídia, trabalharemos com essa vertente.

É importante ressaltar que existem algumas matérias publicadas em grandes veículos impressos que, intencionalmente ou não, fazem uma grande confusão acerca

⁸ ENNE, A. 2002. p.40

⁹ Na matéria "Ação Federal na Baixada", publicada na edição de 11 de abril de 2005 de O GLOBO (ANEXO 7.1), a Baixada Fluminense é definida como "região formada por doze municípios".

desses domínios territoriais determinados nessa última classificação. Notícias ocorridas em locais como Pavuna, Anchieta e Acari, entre outros bairros, são associadas à Baixada Fluminense e até mesmo entram como pauta nos cadernos sobre a Baixada publicados nos jornais O DIA e O GLOBO (falaremos mais sobre esses cadernos no capítulo 4 deste trabalho). O suplemento O GLOBO BAIXADA, por exemplo, trouxe, no dia 11 de julho de 2005, uma matéria sobre a degradação das rodoviárias da Baixada e usava como exemplo a rodoviária da Pavuna¹⁰. A partir das entrevistas realizadas para a composição de sua tese de doutorado, a professora Ana Lucia Enne explica que a associação da Baixada Fluminense com bairros e áreas do Rio de Janeiro também aparece com frequência em matérias jornalísticas, mas, nesses casos, tal fato deve-se ao desconhecimento do repórter acerca dos domínios territoriais da região e a uma intencionalidade típica (...) de associar a notícias de violência ocorridas em outros locais, como a Pavuna, Anchieta e Acari, com a Baixada Fluminense¹¹.

Além disso, é importante salientar ainda que as fronteiras e os limites da Baixada não são fixos ou imóveis; "(...) são operados a partir de práticas e interações cotidianas, sendo reconstruídos na experiência diária de seus moradores, em situações de contato com outros moradores ou com pessoas de fora e mesmo a partir do discurso oficial (especificamente das autoridades municipais e estaduais), da mídia e das manifestações culturais"¹². Portanto, não há como criar uma representação sobre a Baixada sem perceber esses processos interativos e essa pluralidade de costumes e contextos que será apresentada no próximo tópico.

¹⁰ O GLOBO. "Carona para o abandono", 10 de julho de 2005.

¹¹ ENNE, A. 2002. p.49

¹² Idem. p. 34

2.1 Outras *Baixadas* dentro da Baixada Fluminense

Região com a maior taxa de homicídios do estado, taxas elevadas de analfabetismo e baixo poder aquisitivo. Essas e outras afirmações são velhas conhecidas do público-leitor quando associadas à Baixada Fluminense. No entanto, existem alguns detalhes sobre a região que não são narrados nas páginas dos jornais e que poderiam reverter (ou reduzir) a imagem negativa sobre a Baixada reproduzida pela mídia. A função deste tópico, portanto, é trazer alguns detalhes sobre a Baixada Fluminense que ganham pouco ou nenhum destaque na mídia, tais como as manifestações culturais, a expressão no esporte e a participação no turismo estadual. Além disso, procuramos ressaltar, nesta parte do trabalho, que existem diferenças profundas entre os doze municípios que compõem a Baixada, contrariando uma tendência, que não é só da mídia, de representar a região como homogênea.

As questões econômicas são emblemáticas para explicar as diferenças entre os municípios. O território de Duque de Caxias, por exemplo, é recortado pelas rodovias Washington Luís e Rio-Magé, formando corredores de expansão populacional e de atração de investimentos públicos e privados¹³. A Refinaria da Petrobrás (Reduc), o maior parque gráfico da América Latina (do jornal O GLOBO) e a instalação de unidades industriais de empresas de grande porte como Texaco, White Martins e Ipiranga denotam a expressividade da região no cenário econômico do estado. Por outro lado, na mesma Baixada Fluminense, temos o município de Japeri que tem como atividades econômicas fundamentais a agricultura e o comércio e não tem participação econômica nas “indústrias de transformação”, setor muito presente em Duque de Caxias. O Produto Interno Bruto (PIB) de Japeri foi calculado entre R\$200 e 500 milhões no ano 2002. No mesmo período, Caxias era um dos dezesseis municípios do estado com PIB acima de R\$1 bilhão¹⁴.

Quanto ao item urbanização, percebemos que também existem diferenças profundas entre os municípios. Nilópolis, por exemplo, tem 100% de suas ruas asfaltadas e não há favelas, ao passo que Nova Iguaçu e Duque de Caxias estão

¹³ Em “Imagens da cidade de Duque de Caxias” ,(SOUZA, M. 2000, p. 35) afirma que “Duque de Caxias é o município da Baixada que mais vem recebendo investimentos públicos e privados nesta década”.

¹⁴ Dados do Tribunal de Contas do Estado, 2002.

cercados de loteamentos irregulares e apenas 35% de suas ruas são pavimentadas¹⁵.

Além disso, os municípios da Baixada são diferentes quanto aos índices demográficos (Nilópolis, por exemplo, tem 8.090 habitantes por km², enquanto Magé, com quase 100 mil habitantes, tem densidade igual a 533 hab/km²); quanto ao gerenciamento da saúde municipal (Mesquita não tem um hospital para atender seus quase 183 mil habitantes, enquanto Nova Iguaçu tem um centro de referência em atendimento de casos emergenciais da Baixada – o Hospital da Posse); quanto à educação (o índice de analfabetismo em Nilópolis é quase três vezes menor ao índice de Belford Roxo, enquanto a população deste é quase três vezes maior que a população daquele município). Essas são algumas diferenças entre municípios que demonstram a pluralidade de contextos que existe na Baixada Fluminense. É importante que a mídia saiba, então, diferenciar esses espaços e saiba definir qual é a região (leia-se município) que serve de pano de fundo para os fatos relatados.

Além da diferenciação intermunicipal, na Baixada Fluminense também vigoram alguns indicadores que são pouco difundidos pela mídia. No que tange às manifestações culturais, por exemplo, o teatro é muito incentivado na região o que se comprova pelo trabalho da Cia. Teatral Multiface que desde 1995 promove oficinas de interpretação para teatro para mais de cem alunos, entre crianças, jovens e adultos. A companhia também é responsável pelo Encontro de Artes Cênicas da Baixada Fluminense (“EncontrArte”), que acontece desde 2002 no Sesc de Nova Iguaçu e reúne os grupos teatrais locais. Em 2004, o EncontrArte foi, inclusive, um dos cinco projetos premiados, no estado do Rio de Janeiro, com o troféu “Prêmio Cultural Nota Dez”, da Secretaria de Cultura do Estado e patrocinado pela Embratel e Unesco.

É importante destacar ainda a contribuição que o Serviço Social do Comércio (Sesc) oferece à cultura na Baixada Fluminense, promovendo cursos de cinema, teatro, artes plásticas, literatura, peças e shows a preços populares, sessões de cinema, exposições e espetáculos de dança. A programação da instituição é voltada para todos os moradores da Baixada, das crianças aos idosos. Nas unidades do Sesc na região, localizadas em São João de Meriti e Nova Iguaçu, também ocorrem importantes eventos culturais como a Mostra de Teatro para crianças, uma parceria entre o Sesc e o Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Adolescência (CBTIJ); a Feira do Livro de

¹⁵ Dados do IBGE, 1998. “Radiografia dos municípios brasileiros”

Nova Iguaçu, que ocorre desde 2003; o EncontrArte e o Festival de Dança de Nova Iguaçu.

Ainda na ordem da cultura, a Baixada é muito conhecida por abrigar duas escolas de samba que desfilam no Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro: a Beija Flor, de Nilópolis e a Grande Rio, de Duque de Caxias. A primeira participa dos desfiles oficiais desde 1954, chegou ao grupo Especial em 1990 e até 2005 acumulou quatro campeonatos. Já a escola de Duque de Caxias é conhecida pela quantidade expressiva de atores que desfilam em seus carros alegóricos e suas alas. No ano de 2005, inclusive, atores da novela da Rede Globo “Senhora do Destino” participaram do desfile e as cenas da apresentação foram reproduzidas na própria novela.

Todos os anos a mídia noticia os desfiles dessas escolas, mostra onde são feitos os ensaios, quem é responsável pela confecção das roupas e pela criação dos carros alegóricos e qual é o samba enredo que representa a escola naquele ano. Porém não é apenas de samba enredo que vive a expressão musical da Baixada Fluminense. Da região veio, por exemplo, o grupo de reggae “Cidade Negra”, que começou a carreira em Belford Roxo e em 1990 lançou seu primeiro Cd.

O forró também é outra expressão musical de destaque na região. Aos sábados ocorre o tradicional “Forró na Feira” em Duque de Caxias que, desde 1998, é mais uma opção de manifestação artística da cultura nordestina no estado. O evento tem um público estimado de cinco mil pessoas e ocorre na Feira Livre de Duque de Caxias, que ocupa as Avenidas Presidentes Vargas e Duque de Caxias e a Rua Prefeito José Carlos Lacerda.

Assim como ocorre com a cultura, o esporte regional também recebe pouco destaque nas páginas dos jornais, embora tenha sido na Baixada que grandes talentos do futebol brasileiro nasceram, como Roberto Dinamite e Zinho, e do vôlei brasileiro, como André Nascimento, morador de São João de Meriti. Além disso, importantes projetos na Baixada incentivam a prática de esportes entre crianças e adolescentes como as “Vilas Olímpicas”, uma das ações do projeto “Esporte Solidário” do governo do estado que inclui diversas atividades desportivas nas cidades de São João de Meriti, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Belford Roxo. A Vila Olímpica de São João de Meriti foi, inclusive, considerada o melhor projeto esportivo social do Sudeste em 1999, segundo o Ministério dos Esportes.

Outro destaque do esporte regional é o Nova Iguaçu Futebol Clube, fundado em 1990 e que em 2005 conquistou o Estadual de Profissionais da 2ª divisão e disputará o Campeonato Carioca de 2006. Além disso, importantes competições ocorrem na região, como o campeonato de futebol iguaçuano e a “Copa Regional de Judô da Baixada Fluminense”, que ocorre no Sesc de Nova Iguaçu e é aberta a todas as cidades do estado do Rio de Janeiro. No entanto, mesmo os cadernos da Baixada publicados nos jornais O GLOBO e O DIA, não dedicam um espaço significativo ao esporte na Baixada Fluminense. O suplemento de O GLOBO, por exemplo, publica todos os domingos uma página sobre os esportes intercolegiais (que envolvem escolas não só da Baixada, como de todo o estado), mas não acompanha as competições da Baixada Fluminense (o que só ocorre em jornais produzidos na própria região, como JORNAL DE HOJE e HORA H).

Quando o assunto é turismo no estado, a Baixada também é pouco lembrada, embora alguns municípios da região abriguem importantes patrimônios históricos e naturais. Para reunir informações sobre o turismo na região foi, inclusive, inaugurado em 30 de abril de 2005 o *site* “Turis Baixada”, idealizado por Gênesis Torres, historiador e coordenador do Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB), entidade sem fins lucrativos que reúne dados e informações sobre a história regional. Entre os patrimônios culturais e históricos listados no *site* “Turis Baixada”, encontramos: a Reserva Biológica de Tinguá, localizada entre a Zona Metropolitana e a Região Serrana do estado e com uma exuberante paisagem montanhosa de mata atlântica preservada; o Parque Municipal de Nova Iguaçu, com doze cachoeiras e um casarão da época imperial; as ruínas da Fazenda São Bernardino, em Nova Iguaçu; inaugurada em 1875 e a Igreja Nossa Senhora do Pilar, em Duque de Caxias cuja criação ocorreu no século XVII.

Retratar uma Baixada diferente do espaço de pobreza e violência, portanto, não é uma tarefa inimaginável. Demonstramos alguns recortes positivos que podem ser feitos pela mídia ao pensar e representar a região. O jogador de futebol Zinho, inclusive, disse, em entrevista ao jornal O GLOBO no mês de abril, que “a Baixada tem bons projetos sociais e vem lutando para mudar a imagem de violência”. No próximo tópico veremos, entretanto, por que essa imagem sobre a Baixada Fluminense é tão enfatizada e reconstruída diariamente no discurso midiático.

2.2 O faroeste fluminense: imagens da violência na Baixada

As estatísticas referentes à violência na Baixada Fluminense impressionam. Entre 1995 e 2004, 20.291 pessoas foram assassinadas na região, sendo, em média, dois mil homicídios ao ano¹⁶. Esses números são, portanto, uma das justificativas para qualificar a Baixada como "faroeste fluminense" e "terra sem lei", expressões que, conforme veremos no próximo capítulo, vigoram desde a década de 50 na mídia. No entanto, como será analisado ao longo do desenvolvimento deste capítulo, o atual retrato da violência na região tem origens na forma como o estado conduziu o problema do crime nas periferias.

O sociólogo e pesquisador José Cláudio Souza Alves, em “Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense” explica que ao longo das três décadas que vão de 1930 até o golpe militar de 1964, a Baixada Fluminense transformou-se na grande periferia urbana reincorporada pela cidade do Rio de Janeiro. A explosão populacional, a alta procura pelos loteamentos e conseqüente conflito pelas terras, o fluxo pendular dos trabalhadores em relação à cidade carioca, o crescimento do comércio e da indústria, o desmembramento e a formação de novos municípios, os movimentos de resistência dos camponeses frente aos despejos, a reconfiguração do campo político local e a explosão da revolta popular são características dessa nova realidade que emerge. O pesquisador também afirma que é nesse período que a violência ganhará dimensões peculiares:

Se por um lado o clientelismo político, mesmo travestido de esquerda, intensificava sua presença, sobretudo, a partir da redefinição geográfica do poder realizada pelas emancipações municipais, do outro lado, um aparato ilegal, apto para prestar serviços de segurança aos setores proprietários do capital, seria construído. Por trás, porém, dessa lógica da segurança não estava somente a defesa do patrimônio dos donos do poder econômico e político, tratava-se da segurança das famílias ordeiras e trabalhadoras contra os marginais. Uma forma de justiça que se legitimava não só pela ausência do estado, mas pela afirmação desses princípios pelos detentores do poder local¹⁷

Nessa conjuntura, os grupos de extermínio surgem na região como um "sistema de justiça privada", fruto da "rarefação da presença do estado na periferia social". No

¹⁶ Dados do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Ministério Público e Polícia Civil, 1995 a 2004

¹⁷ ALVES, José Cláudio. 2003. p.99

recurso a esses grupos estaria uma rígida separação entre o público e o privado, segundo o qual conflitos domésticos e de vizinhança não devem sofrer intervenção da esfera pública¹⁸.

Segundo José Cláudio, o “esquadrão da morte” - expressão que corresponde ao grupo de matadores ligados à Polícia Militar e respaldados pela ditadura - tem estreita relação com os grupos de extermínio na Baixada. O pesquisador afirma que, em 1974, por exemplo, anunciou-se a volta do esquadrão da morte, alegando-se a existência de 50 casos de homicídios em Nova Iguaçu, ligados a prática “exterminadora da polícia”¹⁹.

Na Baixada havia um destaque para o envolvimento desses policiais com os banqueiros do jogo do bicho, defendendo-os dos assaltantes locais e agindo arbitrariamente sem justificativas aparentes, como, por exemplo, o assassinato de dois adolescentes em Nova Iguaçu que não tinham antecedentes criminais, ocorrido em 1974 (episódio conhecido como “caso da Rua Rosas”)²⁰. Um ano após esse acontecimento, a Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro revelaria uma estatística que totalizava 198 homicídios ocorridos na Baixada, sendo que 70% desses tinham autoria desconhecida.

Esses índices não pararam de crescer ao longo da década de 70, assim como as denúncias sobre as ações arbitrárias dos grupos de extermínio. Diante disso, os jornais começaram a divulgar análises sobre a violência e sobre a Baixada. Em sua pesquisa sobre a violência na região, o historiador José Cláudio cita o exemplo da matéria “Franquia para o Crime”, divulgada no jornal O GLOBO em 8 de agosto de 1977. A Baixada, nesta matéria, foi definida como uma região “tão próxima de um dos principais centros de irradiação cultural do país, mas ao mesmo tempo tão distante dos padrões mínimos de ordem legal”. Na explicação do *uso* dos grupos de extermínio pelos comerciantes e do apoio popular a esses grupos estaria a omissão do governo e a ausência da política e da Justiça²¹.

Nos anos 80, a atuação dos *matadores* tomou-se mais ampla e descentralizada, com o aparato policial mais afastado da fase final do esquema de execução, tomando-se agenciadores dos reais *matadores*, pessoas comuns que passam a ser arregimentadas para realizar “operações de limpeza” em diferentes municípios. Os interesses

¹⁸ ALVES, José Claudio. 2003, p. 21

¹⁹ O dado foi extraído pelo autor na matéria divulgada no JORNAL DO BRASIL em 20/4/1975. Cf: ALVES, José Cláudio. 2003, p.130

²⁰ No ano de 1974 o acontecimento foi noticiado no JORNAL DO BRASIL, O DIA e O GLOBO.

²¹ ALVES, José Cláudio. 2003. p. 141

relacionados à atuação dos grupos também se tornavam cada vez mais diversificados e os assassinatos, segundo matérias divulgadas naquela década, seriam resultados das disputas entre traficantes ou das brigas entre quadrilhas, feitas por autoridades policiais²².

Durante o governo de Moreira Franco (1987-1990), os números de homicídios na Baixada chegam ao seu mais alto patamar, em função do descontrole das políticas públicas na área de segurança. Além disso, os grupos de extermínio começam a penetrar nas demais esferas sociais e de poder, deixando evidente uma contradição: o mesmo estado que pouco age no controle da violência também participa desse sistema. de justiça privado, o que se percebe na estreita relação entre *matadores* e políticos locais. Os primeiros eram (e são ainda, em alguns municípios) encarregados de manter a política coronelista, de garantir os postos-chaves dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e de, possivelmente, resolver discordâncias políticas.

A eleição de Jorge Júlio Costa dos Santos, o Joca, para a prefeitura de Belford Roxo na década de 90 é um bom exemplo para essa ligação entre o crime e o poder local. Mesmo com as denúncias, divulgadas na imprensa, de que Joca estaria envolvido com os esquemas de execuções, o prefeito jamais foi condenado e era, ao contrário, exaltado pela população municipal porque distribuía comida, brinquedos e transformou Belford Roxo na "cidade do amor". José Cláudio Alves reitera ainda que entre os prefeitos dos recém-emancipados municípios, Joca, porém, não estaria sozinho quanto às acusações de uso da violência. “Carlos Moraes, em Japeri, anos depois agrediria a socos e coronhadas o vereador Darley Gonçalves Braga (PL), ameaçando-o de morte caso persistisse nas críticas ao aumento da taxa de alvará”²³.

Por isso, conforme afirma José Cláudio, a persistência dos elevados índices de homicídios na Baixada Fluminense, apesar das inúmeras políticas de segurança adotadas ao longo de mais de trinta anos, confirmam não a incapacidade ou ineficiência do Estado, mas sua permeabilidade aos interesses que o constituem e que encontram nesse padrão de violência uma de suas bases de sustentação²⁴.

Redução de homicídios ou esquecimento da mídia ?

Ao contrário dos anos 80, o início da década de 90 trouxe súbitos registros de

²² ALVES, José Cláudio. 2003, p. 152

²³ Ver matéria publicada em 16/7/1995 em O DIA BAIXADA Cf. ALVES, José Cláudio, 2003, p. 113

²⁴ Ibidem, 2003. p. 25

redução de homicídios na Baixada, decorrentes da atuação de personagens como a promotora da Comarca de Duque de Caxias, Tânia Maria Salles e do delegado Hélio Luz, que comandava do Departamento Geral de Polícia da Baixada. Entretanto, em meados dessa mesma década os números de homicídios na região retomam o crescimento comum aos anos 80. Por outro lado, na mídia cresceram as notícias sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro e as áreas de classe média carioca é que ficaram no epicentro jornalístico.

Embora a tradicional violência da Baixada tenha sido deixada de lado pela mídia - temporariamente, é importante ressaltar - a região seria descoberta como novo espaço para a expansão do tráfico de drogas sediado no Rio de Janeiro e favelas de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nova Iguaçu foram transformadas em sucursais do tráfico. No entanto, a pressão da mídia em suscitar uma ação do poder público contra a ação do tráfico na Baixada foi insipiente. Como explica Jairo Santiago em “Mídia, Tráfico e Violência”, "possivelmente, o que vigore neste caso é a lógica do lugar próprio, em outras palavras, na Baixada Fluminense que é o lugar dessas coisas acontecerem. Nesses rincões sobrevive a lógica do exótico, do estranhamento e do mundo do perigo sem fim"²⁵.

Ao mesmo tempo em que o tráfico ascendia na região e o número de homicídios não regredia, o governo do estado projetava nos meios de comunicação uma imagem da Baixada associada ao progresso econômico. O historiador José Cláudio explica como e por que se deu essa transformação:

Novo pólo de desenvolvimento e 4º mercado consumidor do país, segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, a Baixada passaria por um surto de crescimento capitaneado pelos investimentos do governo do estado. Ao lado da construção de vários *shoppings centers*, de condomínios para setores de classe média e da instalação de inúmeras indústrias, o governo estaria investindo em grandes projetos como a construção do porto de Sepetiba, do pólo de gás químico e da Via Light (...). A despoluição da Baía de Guanabara implementaria por sua vez obras de saneamento em vários bairros localizados às margens dos principais rios que cortam a região. Já o projeto Baixada Viva implicaria o investimento em obras de infra-estrutura urbana e social. Assim, enquanto os homicídios da região ganham matérias somente quando ocorrem grandes chacinas (...) as notícias sobre investimentos econômicos públicos e

²⁵ SANTIAGO, Jairo, 2004. p. 81

privados povoam diariamente as páginas dos jornais²⁶

Essa contradição anunciada ao final da afirmação de José Cláudio pode ser exemplificada com a reduzida participação de notícias sobre o tráfico na Baixada no jornal O GLOBO. Em sua tese de doutorado, Jairo Santiago levantou apenas 0,3% de participação de matérias sobre o tema nas primeiras páginas do jornal O GLOBO, no período de 99 a 2003²⁷.

Portanto, embora nos meios de comunicação fosse projetada uma imagem ligada ao progresso econômico na Baixada²⁸, a violência e a ação do tráfico e de grupos de extermínio não deixaram de existir na região. Entretanto, o baixo desempenho da Baixada Fluminense no item “segurança pública” não passará em branco quando a região for palco de uma grande ação criminosa. E o exemplo mais evidente disso será percebido na cobertura da chacina de 31 de março que será tema do capítulo 4 desse estudo.

²⁶ ALVES, José Cláudio. 2003, pp. 170-171

²⁷ SANTIAGO, J. 2004, p. 85

²⁸ Essa mudança de abordagem na mídia será mais discutida no próximo capítulo.

2.3 Novas propostas para um antigo problema

Após a chacina de 31 de março na Baixada Fluminense as instituições Fase Rio, Laboratório de Análises da Violência da UERJ, Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, as ONGs SOS Queimados, Justiça Global, Viva Rio e o sociólogo José Claudio Alves reuniram seis artigos e publicaram o livro “Impunidade na Baixada Fluminense”, que traz, além das discussões teóricas sobre a violência na Baixada, algumas propostas práticas para combater esse problema. A biografia ganhou destaque especial neste trabalho porque demonstra que os índices negativos apresentados no capítulo anterior não são estáticos e podem ganhar novos contornos a partir de iniciativas como essa.

A “Fase Rio”, instituição cuja missão é combater a desigualdade social e que concentra a sua atuação na Baixada Fluminense, assina o artigo do livro intitulado “Dilemas e desafios para a cidadania da Baixada Fluminense” onde sinaliza a necessidade de uma visão social sobre o problema da violência na região, que não fique restrita a esfera municipal. A instituição ressalta que:

A violência não pode ser entendida sem associá-la às condições cotidianas de vida, que são violentas, mas que são comumente invisíveis ou naturalizadas. Esse contexto de invisibilidade é propício para a certeza da impunidade por parte de grupos criminosos, seja ele constituído por membros que trabalham em instituições do Estado, como a polícia militar, ou não. Mais do que polícia, a Baixada precisa de uma política integrada de direitos humanos, econômicos, sociais e culturais²⁹.

A instituição também destaca no texto a contribuição da Baixada na geração de riquezas da cidade do Rio de Janeiro e como essa questão está ausente do debate público. Entre os exemplos citados no texto, está o deslocamento diário de pessoas da Baixada para a capital para trabalhar, o que gera maior consumo e pagamento de impostos na cidade do Rio de Janeiro. Então, se a capital e a Baixada estão tão interligadas, o problema da violência na região não deve ser refletido em uma perspectiva apenas local.

Por isso, ao final do artigo da “Fase Rio” são defendidas: uma ação coordenada entre prefeituras, inclusive a da capital, o governo estadual e o federal; o fortalecimento

de estratégias já criadas, tais como a “Conferência das Cidades da Baixada”, realizada em 2005³⁰; e a implantação de políticas voltadas para a juventude, “pelo fato deste segmento ser o mais afetado e envolvido no processo da violência”³¹. E essa é apenas a primeira das propostas do documento “Impunidade na Baixada” que evidenciam as possibilidades de reverter o alto índice de violência na região.

No mesmo trabalho, o Laboratório de Análise da Violência da Uerj - núcleo de extensão, pesquisa e ensino do Departamento de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Ciências Sociais da universidade estadual - demonstra no relatório “A incidência da Violência na Baixada Fluminense” que, apesar dos altos números de violência letal na Baixada Fluminense, o poder público dedica ao problema uma atenção menor em termos de segurança pública, preferindo concentrar os agentes policiais na capital e em alguns outros municípios³². Contra essa postura, a sugestão do laboratório é que a ação do estado não se limite a eventos pontuais, como as chacinas. “O primeiro passo é que as autoridades, a imprensa e a própria sociedade tomem consciência da gravidade do problema, deixando a indiferença de lado. A indiferença é o principal combustível da impunidade”³³.

Essa indiferença também é uma das questões abordadas pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (CESeC) no artigo “Mídia e violência - como os jornais retratam a violência e a segurança pública na Baixada Fluminense”. Durante cinco meses do ano 2004, o CESeC, que trabalha com pesquisas aplicadas, consultorias, cursos e eventos na área de segurança pública, justiça e cidadania, acompanhou a produção jornalística sobre violência e segurança pública em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais³⁴ e constatou que a despeito do fato de que quase metade (48,2%) das notícias publicadas por todos os jornais analisados tem como o foco o Estado do Rio de Janeiro, apenas 5,4% delas referem-se a

²⁹ OLIVEIRA, A e SANTOS, M. 2005 In: CESEC e FASE(org.) **Impunidade na Baixada Fluminense**, 2005, p. 24.

³⁰ Nesta Conferência foram apontados processos concretos de coordenação entre os municípios da Baixada, entre eles, o tratamento integrado das questões urbana, tais como: habitação, saneamento ambiental e transporte, mobilidade urbana, desenvolvimento econômico e segurança pública.

³¹ OLIVEIRA, A e SANTOS, M. In: CESEC e FASE (org.) . **Impunidade na Baixada Fluminense**. 2005., p. 25

³² Os dados do artigo apontam que existe menos de um policial para cada mil habitantes em municípios como Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo e Nilópolis. Por outro lado, na Baixada Fluminense, segundo a análise estatística do Laboratório da Uerj ocorreram em 2002, 73 homicídios para cada 100 mil habitantes, taxa muito superior a da capital, com cerca de 60 homicídios para 100 mil habitantes.

³³ RIBEIRO, E, CABO, I, SÉ, J e LAZARO, M. In: CESEC e FASE (org.) . **Impunidade na Baixada Fluminense** 2005, p. 60

municípios da Baixada Fluminense. Esta porcentagem de participação no noticiário, segundo dados do CESeC, também é dividida de forma desigual entre os municípios da Baixada. A distribuição não corresponde à população nem à gravidade da violência nas localidades e alguns municípios sequer foram objeto de matérias durante os cinco meses da pesquisa. Itaguaí, por exemplo, é a cidade com a maior taxa de homicídios da Baixada (107,29 homicídios por 100 mil habitantes³⁵) e não foi citada em nenhum dos jornais selecionados pela pesquisa da instituição. O artigo do CESeC aponta, então, que:

(...) não é o exagero, mas o silêncio que parece predominar na relação entre os problemas de criminalidade e segurança pública de municípios da Baixada Fluminense (como de resto em outras áreas pobres do estado e da cidade do Rio de Janeiro) e os jornais, especialmente os formadores de opinião, lidos pelas elites dirigentes e pelas classes médias e abastadas. É como se “violência na Baixada” não fosse um “problema do Rio”, mas uma “mazela da Baixada”³⁶.

Por isso, a instituição reivindica uma cobertura jornalística mais comprometida e qualificada para os problemas da violência e segurança pública da Baixada Fluminense. Assim, as autoridades de segurança serão pressionadas a tomar medidas eficazes de combate a essas mazelas sociais.

O trabalho “Impunidade na Baixada” encerra com o artigo “Propostas contra a Impunidade” organizado pelo grupo político S.O.S Queimados, que defende os interesses coletivos nas esferas político-administrativas, sociais e culturais. A proposta deste texto é apresentar soluções viáveis para a questão da violência na Baixada; São medidas que “levem a Baixada a ser conhecida como um lugar de paz e não mais pelos alarmantes índices de violência, sobretudo dos óbitos, que muitas vezes são provocados pelos grupos de extermínio”³⁷. Entre as 29 propostas³⁸ anunciadas no artigo, estão:

- Criação de um Conselho de Direitos Humanos da Baixada Fluminense com composição paritária que inclua as três esferas governamentais (prefeituras, estado e União) e representantes da sociedade civil;

³⁴ Entre os meses de maio a setembro de 2004 foram analisados os jornais O DIA, O GLOBO, JORNAL DO BRASIL, FOLHA DE SÃO PAULO, O ESTADO DE SÃO PAULO, AGORA SÃO PAULO; O ESTADO DE MINAS, O DIÁRIO DA TARDE E HOJE EM DIA.

³⁵ Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) para o ano de 2002.

³⁶ RAMOS, S. e PAIVA, A. In: CESEC e FASE (org.) . **Impunidade na Baixada Fluminense**. 2005, p. 66

³⁷ LOPES, I e INOCENCIO, O. In: CESEC e FASE (org.) . **Impunidade na Baixada Fluminense**. 2005, p.81

³⁸ O número faz referência aos 29 mortos na chacina de 31 de março de 2005

- A adoção por parte das autoridades da segurança pública do Estado de um plano semestral de redução de homicídios no estado e particularmente na Baixada Fluminense;
- Cobertura jornalística da violência na Baixada Fluminense condizente com a importância e gravidade do problema;

Embora as propostas anunciadas em “Impunidade na Baixada” sejam de grande importância para a população e possam ser colocadas em prática a curto, médio ou longo prazo, o documento pouco foi divulgado na mídia no ano 2005. Analisando as mídias impressas e televisivas no período de publicação do documento, encontramos uma referência apenas em matéria exibida no RJ TV, telejornal da Rede Globo, em 29 de setembro de 2005.

Essa posição negligente da mídia contribui para que os estigmas sobre a região perpetuem nas matérias e para que a Baixada continue sendo conhecida como o lugar onde os problemas aparecem e não as soluções. No próximo capítulo veremos como se constitui a representação da Baixada na mídia e como os estigmas sobre a região foram constituídos e são reforçados.

3. Representação da Baixada na Mídia: reflexão teórica e contexto histórico

O capítulo anterior desse projeto foi destinado à descrição de alguns aspectos geográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais da Baixada Fluminense a fim de apresentá-la e ressaltar que a região tem muito mais do que matérias policiais a oferecer aos pauteiros, repórteres e/ou redatores dos grandes veículos de comunicação. Além disso, as descrições serviram como ponto de partida para as discussões que serão levantadas neste capítulo: como se constituiu, historicamente, a representação da Baixada na mídia e que novos (ou antigos) modelos de representação foram propostos para esse novo século.

Antes de partir para esses dois pontos, é necessário que se discuta um pouco mais sobre a idéia de ideologia; sobre a constituição do “senso comum”; e sobre a questão do “estigma” a fim de fundamentar e explicar alguns problemas que serão levantados nas próximas etapas do trabalho. A introdução deste capítulo constitui-se, portanto, de uma reflexão teórica sobre questões fundamentais na composição do tema principal deste projeto.

Discurso: um elemento ideológico

“Não é possível pensar a prática discursiva e a construção do discurso sem refletir primeiro sobre signos e ideologias”³⁹. Partindo dessa observação, não é possível iniciar qualquer reflexão sobre os discursos jornalísticos acerca da Baixada sem antes pensar no conceito de ideologia e por que esse elemento é inerente a qualquer discurso. Afinal, como afirma Norman Fairclough, “o discurso é moldado por relações de poder e ideologia e exerce efeitos construtivos sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes”⁴⁰ (grifos meus).

Ideologia, de forma esquemática, é o sistema de relações entre um significante dado (ou um texto) e suas condições sociais de produção que pode ser percebido em um texto pelas marcas ou traços que as regras formais gerativas de sentido deixam na

³⁹ BRASILIENSE, D. 2005, p.3

⁴⁰ FAIRCLOUGH, N. *apud*: PINTO, M., 2002, p. 37.

superfície⁴¹. Já o poder está em jogo em qualquer interação comunicacional, seja através da disputa pela “palavra final”, ou seja, através das regras que somos obrigados a seguir para a interação ser bem sucedida. Milton Pinto em “Comunicação e Discurso” afirma que tanto a ideologia quanto o poder fazem parte do mundo da linguagem⁴². O autor ressalta ainda que:

(...) o processo de produção-circulação-consumo dos sentidos de um texto passa por essas duas dimensões, constitutivas do que se chama *semiose social*. Todo evento comunicacional envolve construções ideológicas, que são os sentidos produzidos; e também a disputa pelo poder. Essas disputas criam relações de dominância entre os discursos reconhecidos como hegemônicos e os discursos subordinados, favorecendo a naturalização ou reificação dos primeiros. O discurso tem, então, o potencial paradoxal de transformar ou reafirmar valores⁴³.

A observação de Milton Pinto denuncia que não existe discurso ingênuo, desprovido de juízo de valor, seja este positivo ou negativo. E essa afirmação já aponta o erro em classificar o discurso jornalístico como imparcial – característica muito defendida nos anos 50, quando o jornalismo mundial passou por um processo de americanização.

A diversidade de sentidos produzidos sobre um mesmo discurso e a crítica a idéia de imparcialidade relacionam-se ao que o pensador russo Mikhail Bakhtin chamou de *polifonia* e *dialogismo*. O primeiro termo explica a multiplicidade de vozes existentes em um determinado ato de fala. Seguindo essa prática, nada seria desprovido de considerações próprias. Como afirma Bakhtin, ““o locutor não é um Adão bíblico, perante objeto virgem”⁴⁴.

As várias vozes que constituem o discurso dialogam entre si gerando significados e até mesmo novos valores, processo esse que Bakhtin conceituou *dialogismo*. O discurso é, portanto, um diálogo com coisas que o antecederam e que vão lhe suceder. Nas palavras do autor, “as relações dialógicas (...) são um fenômeno quase

⁴¹ VÉRON, E. *apud*: PINTO, M. p. 40

⁴² PINTO, M. 2002.

⁴³ Idem

⁴⁴ RIBEIRO, A. 2000.

universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo que tem sentido e importância”.⁴⁵

A partir das análises de Bakhtin, os discursos não poderiam refletir apenas a voz das classes dominantes, exatamente por seu caráter polifônico. Então, o discurso da mídia, em tese, teria de ser necessariamente dialógico exatamente pelas suas condições de produção. Como afirma Ana Lucia Enne, “desconhecer a ação dos sujeitos receptores na produção das mensagens que eles receberiam seria desconhecer o próprio processo da inserção dos meios de comunicação social nas sociedades contemporâneas”⁴⁶.

O estudo de caso – parte final deste projeto – pretende exatamente demonstrar como esse desconhecimento do contexto do receptor, sinalizado por Ana Lucia Enne, é cada vez mais comum nos discursos de representação da Baixada na mídia. “Embora seja uma categoria *polifônica*, a Baixada Fluminense recebeu por parte da imprensa carioca, um tratamento estigmatizante ao longo de várias décadas”⁴⁷.

Constituição do Senso Comum

Veremos no próximo capítulo que na década de 70 foi instaurado um *senso comum* na mídia acerca da Baixada Fluminense que associa a região a um local perigoso, abandonada pelo poder público e com péssimas condições de vida. Raquel Paiva, no texto “A estratégia comunicacional contra a memória hegemônica e o senso comum midiático”, diz ainda que “a mídia tem funcionado na sociedade atual como a mais eficaz estrutura de corroboração de valores e de agenciadora do senso comum”⁴⁸.

Mas como se constitui esse senso comum e como ele é instaurado? Clifford Gertz em “O senso comum como um sistema cultural”⁴⁹, propõe que se perceba o senso comum como uma construção cultural e não uma “mera apreensão da realidade feita casualmente”.

Se o bom senso (forma consagrada do senso comum) é uma interpretação da realidade imediata, uma espécie de polimento desta realidade, como o mito, a pintura, a epistemologia, ou outras coisas semelhantes, então, como essas outras áreas, será também construído

⁴⁵ BAKHTIN, M, *apud* ENNE, A. 2002, p. 61.

⁴⁶ ENNE, A. 2002. p. 61

⁴⁷ Idem, p. 377

⁴⁸ PAIVA, R. 2004, p.3

⁴⁹ Um dos capítulos da obra *O Saber Local*. Petrópolis, Vozes, 1997

historicamente e, portanto, sujeito a padrões de juízo historicamente definidos. Pode ser questionado, discutido, afirmado, desenvolvido, formalizado, observado, até ensinado, e pode também variar dramaticamente de uma pessoa para outra. Em suma, é um sistema cultural, embora nem sempre muito integrado, que se baseia nos mesmos argumentos que se baseiam outros sistemas culturais semelhantes: aqueles que os possuem têm total convicção de seu valor e de sua validade. Neste caso, como em tantos outros, as coisas têm o significado do que lhes queremos dar⁵⁰

A convicção da validade de um senso comum, apontada por Geertz, faz com que seus adeptos acreditem que o mesmo é natural e faz parte de uma realidade única, óbvia e consensual. O americano Richard Rorty, em “Contingência, ironia e solidariedade” explica que “(...) ser de senso comum é partir do princípio que enunciados formulados no vocabulário final bastam para descrever e julgar as crenças, ações e vidas dos que empregam vocabulários finais alternativos”⁵¹. E a generalização é uma das marcas principais do discurso de quem assume um senso comum. “Quando o senso comum é posto em causa, os seus adeptos começam por responder generalizando e tornando explícitas as regras do jogo de linguagem que estão habituados a jogar . Ser de senso comum é partir do princípio de que os enunciados bastam para descrever e julgar crenças, ações e vidas”.⁵² Ainda, como complementa a professora Raquel Paiva, narrativas fincadas em estratégias do senso comum funcionam com o propósito de reforçar as idéias concebidas e hegemonicamente vigentes na sociedade, independentemente da sua real pertinência no contexto histórico⁵³.

Essas conclusões, portanto, indicam que o uso de senso comum em um discurso revela um efeito de poder já que está vinculado a naturalizações, generalizações e formações de estereótipos (conceito que será desenvolvido no próximo item). Isso porque, como afirma Norman Fairclough, “a naturalização é a mais formidável arma do poder e conseqüentemente um foco importante de luta” e “o senso comum é uma conexão oculta entre a linguagem, o poder e a ideologia”⁵⁴.

⁵⁰ GEERTZ, C. 1997, pp, 115 e 116

⁵¹ RORTY, R, 1994, p. 104.

⁵² Idem, p. 104.

⁵³ PAIVA, R. 2004, p. 5

⁵⁴ FAIRCLOUGH, N. *apud*: BRASILIANSE., D. 2005, p. 5

Essa naturalização faz parte de uma das principais funções estratégicas do discurso midiático, ao alternar mecanismos de esquecimento, resultante da efemeridade de seus enunciados, e de rememoração, sob a forma de retrospectivas e de citações. A matéria publicada em dezembro de 2001 no *Jornal do Brasil* explica bem essa estratégia de esquecimento e rememoração da mídia a fim de reforçar um senso comum, no caso sobre a Baixada Fluminense. Com o título “Rio é lindo, mas Nilópolis é melhor”, a matéria comenta os dados levantados pelo IBGE no Censo 2000 acerca das condições de vida nas cidades do Estado do Rio, em que Nilópolis e Niterói aparecem nos primeiros lugares nos índices de saneamento e alfabetização, superando o Rio de Janeiro. No segundo parágrafo da matéria, o jornal deixa claro o tom de surpresa com a posição alcançada pelo município da Baixada. Diz que: “Na Baixada Fluminense, o município de Nilópolis surpreende”. Entretanto, o próprio jornal desconsidera matéria produzida por ele mesmo em 1996 em que a qualidade de vida do município já era atestada pelo IBGE e continua se “surpreendendo” com a colocação obtida por Nilópolis⁵⁵. Discursos como esse do *Jornal do Brasil* reforçam apenas o senso comum que associa a Baixada aos atos de violência contínua e que afasta a região dos bons índices de qualidade de vida.

Ana Lucia Enne critica essa naturalização produzida pelos discursos midiáticos, afirmando que: “Massacrado por um senso comum normatizador e conservador, constantemente bombardeado via meios de comunicação, o indivíduo se vê submerso em uma sociedade extremamente controladora, onde o principal sujeito do controle é o *eu*, é o próprio indivíduo”⁵⁶. Existe, então, uma postura autoritária inerente a todo senso comum, que impede o uso de alternativas de reflexão e pensamento e que busca uma verdade superior ao discurso das minorias. “O bom senso tem a pretensão de ir além da ilusão para chegar à verdade, ou, como costumamos dizer chegar às coisas como elas realmente são”⁵⁷.

⁵⁵ A matéria faz parte do material analisado por Ana Lucia Enne em sua tese de doutorado.

⁵⁶ ENNE, A. 2002, p. 63

⁵⁷ GEERTZ, C. 1997, p.128

Região sem lei: estigmas associados a Baixada

Depois de apresentarmos que todo discurso não é desprovido de valores ideológicos e que o discurso de quem assume um senso comum revela efeitos de poder, discutiremos nesse item como são constituídos e reforçados os estigmas a fim de fundamentar a idéia já apresentada anteriormente de que “a imprensa reserva um tratamento estigmatizante nas matérias sobre a Baixada Fluminense”.

Em sua obra “Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Erving Goffman define estigma como “um atributo profundamente depreciativo (...)” e mais ainda como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.” Segundo o autor, “podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas, ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade (...). Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.”⁵⁸ E é este último sentido que será usado neste trabalho - o que se relaciona a uma identidade regional.

Na mesma obra, Goffman aponta para a relação *desacreditado* e *desacreditável*. O primeiro, portador de um traço estigmatizante visível, que funciona como um primeiro sinal de identidade, incapaz de ser escondido, vai temer sempre as situações de contato, em que tais traços vão ser confrontados com os não portadores do estigma. Já os *desacreditáveis* temem, exatamente, pela possibilidade de esconderem seus traços estigmatizáveis, pela revelação desses traços. Portanto, seus problemas maiores estão relacionados ao controle sobre a informação, o que revelar a quem e em que contexto.

Segundo Ana Lucia Enne, o morador da Baixada Fluminense é um *desacreditável* no sentido proposto por Goffman. “Por isso, muitos de seus moradores vão evitar que seu local de moradia seja descoberto, algumas vezes mentindo a esse respeito”⁵⁹, complementa a professora.

⁵⁸ GOFFMAN, E. 1988. pp. 13-14

⁵⁹ ENNE, A. 2002, p.378

Entretanto, a situação de *desacreditável* pode ser mudada para a de *desacreditado*, quando não é possível ou não se deseja esconder o traço que estigmatiza. Entendendo que é o portador do traço estigmatizante, o indivíduo passa a temer as situações de *contato*, em que os desconfortos trazidos pelo estigma vêm à tona. Goffman explica que “quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros”, que o conflito se torna mais visível pois esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma”⁶⁰.

O autor complementa ainda dizendo que nessas situações o indivíduo tende a buscar mecanismos de superação do estigma, muitas vezes pela competição de maneira a afirmar sua capacidade de fazer o que dele não é esperado. A positivação do estigma é, portanto, uma estratégia para lidar com ele.⁶¹ Em sua tese de doutorado, Ana Lucia Enne, traz algumas entrevistas que exemplificam como funciona esse processo de positivação. Abaixo, a transcrição de um caso emblemático, narrado pelo entrevistado Jesus Lima, morador de Duque de Caxias:

Eu me lembro que uma certa vez, eu saindo da Assembléia Legislativa, eu trabalhava pra uma menina que morava no Leblon, eu falei pra ela: ‘fulana, vamos lá em Caxias?’. ‘O quê? Levar três horas pra chegar?’. Eu falei: ‘Ah é, vamos fazer o seguinte: nós vamos sair na mesma hora, né, tá legal, vamos ver quem chega primeiro em casa, tá?’. Na hora que eu cheguei em Caxias, eu descii do ônibus, peguei um telefone público e deixei um recado na secretária eletrônica dela, ‘são tantas horas e tantos minutos, você ainda não chegou’, (...) ela foi chegar trinta minutos depois, tá vendo? (Jesus Lima)⁶²

Reagindo ao estigma que associa a região a um lugar de “desova”, os moradores da Baixada procuram, então, reverenciar as características históricas e naturais da região. E reforçar esses pontos positivos também é uma forma de recuperar a auto-estima dos moradores, diminuída em função dessas imagens estigmatizantes projetadas sobre a Baixada.

⁶⁰ GOFFMAN, E. 1988, p. 33

⁶¹ Idem. p. 60

⁶² Depoimento extraído de ENNE, A. 2002, p. 380.

No desenvolvimento de seu trabalho Ana Lucia Enne percebeu, em suas entrevistas, que “grande parte dessas imagens estigmatizadas são creditadas à mídia, de uma forma geral. Assim, os meios de comunicação são percebidos como disseminadores de preconceito sobre a região, muitas vezes deixando de abordar, para além dos problemas existentes, aspectos também positivos”⁶³. Alguns desses aspectos positivos foram apontados no primeiro capítulo deste projeto, como as manifestações culturais, a expressão da Baixada na economia e no esporte. No próximo item veremos como a mídia participou na afirmação dos estigmas sobre a Baixada Fluminense, ao longo dos anos.

⁶³ ENNE, A. 2002. p. 382

3.1 Construção do discurso sobre a Baixada Fluminense: uma análise historiográfica

Da pouca visibilidade na imprensa no início do século XX ao espaço de destaque nas primeiras páginas dos jornais do Brasil e do exterior em abril deste ano. Essa frase descreve, de forma resumida, as mudanças que a participação da Baixada Fluminense na mídia impressa sofreu nos últimos 50 anos. Entretanto, como veremos nas próximas linhas, a construção dos discursos sobre a região sofreram alterações mais profundas ao longo dos anos.

Até 1950, a Baixada Fluminense tinha pouca visibilidade dentro da grande imprensa. A região ainda conservava, nas primeiras décadas do século XX, uma estrutura agrária (em 1930, era considerada a principal região produtora de laranjas⁶⁴) e os primeiros sinais de crescimento urbano só começaram a ser sentidos após a década de 40. O único jornal local existente nesse período era O LIBERTADOR – criado na década de 20 e que detinha, entre o quadro de funcionários, o jornalista, advogado e político Francisco Rangel Pestana.

Em meados da década de 50 e na década de 60, a imagem da Baixada começa a sofrer algumas mudanças, principalmente pelo papel exercido pelo político e pistoleiro Tenório Cavalcanti (cujo papel na região veremos nas próximas linhas) e pelas lutas pela posse da terra, no processo de loteamentos⁶⁵. Neste período, a região é associada às imagens de “faroeste fluminense” ou “terra sem lei”.

Os baixos preços dos lotes na região atraíram muitos migrantes, especialmente do Nordeste, que se instalaram na Baixada e procuraram emprego no crescente setor industrial que se formava na Capital. Estava se configurando a expansão da “região metropolitana” do município do Rio de Janeiro, o que caracterizou os municípios da região como “cidades-dormitórios” (ou “cidades acampamentos”, segundo classificação do delegado fluminense Diamant, “já que não há luz, água ou esgoto nessas cidades”⁶⁶) em que seus moradores faziam, diariamente, um movimento pendular entre o trabalho na cidade do Rio de Janeiro e seus locais de residência.

⁶⁴ SOUZA, P. 1981, p. 53.

⁶⁵ ENNE, A. 2002, p. 85.

³ Ibidem. p. 57

Além da ocupação dos loteamentos por trabalhadores da indústria, as origens geográficas da Baixada também foram marcadas pela ocupação das terras por camponeses, que resultaram em intensas disputas pela posse das terras. Esse momento foi marcado por ações violentas e conflitos diversos, muitas vezes retratados pela imprensa, o que vai marcar o início de uma representação associativa entre a Baixada Fluminense e as imagens da violência e da ausência de um poder legal.⁶⁷ Expressões como “nordeste sem seca” e “barril de pólvora” foram usadas na imprensa para caracterizar os conflitos na região. O estudioso Mário Grynszpan aponta, inclusive que, “quem lê os jornais das décadas de 1950 e início da de 1960 conforma uma visão do campo fluminense como região de problemas graves, de grandes proporções e características dramáticas.”⁶⁸.

Tenório Cavalcanti foi outro agente constitutivo do conceito de “faroeste fluminense”, atribuído a Baixada nas décadas de 50 e 60. O polêmico líder político, que veio do Nordeste e fincou raízes na Baixada, apoiava-se na violência e no clientelismo (intermediava, por exemplo, as causas dos camponeses em troca de votos) como estratégias de conquista e manutenção do poder. Tenório foi um mito personificado; Passou a ser conhecido pelo uso de suas inseparáveis capa preta e sua metralhadora “lurdinha”, bem como pela fama de “ter o corpo fechado”, por ter conseguido escapar ileso de uma série de conflitos à bala. E por “abrigar” e ser o espaço de ação desse mito, a Baixada Fluminense passou a ocupar com mais frequência as páginas dos diários nacionais, em especial aquelas destinadas às matérias policiais. O papel do jornal local LUTA DEMOCRÁTICA, criação de Tenório visando sua auto-promoção e cuja redação funcionava em Duque de Caxias, também não pode ser esquecido nesse processo de exploração da violência na Baixada. O LUTA DEMOCRÁTICA foi conhecido, inclusive, como o jornal que “se a gente espremer sai sangue” – frase que durante muitos anos também foi associada ao jornal carioca O DIA.

A partir de 1970, a Baixada Fluminense começa a ocupar diariamente as primeiras páginas (principalmente dos jornais de cunho mais sensacionalista como o ÚLTIMA HORA) associada principalmente aos assuntos “violência” e “falta de políticas públicas”. Para isso, contribuem a ação dos grupos de extermínio na região, responsáveis por chacinas como o caso da “Rua das Rosas”, que ocorreu em 16 de

⁶⁷ ENNE, A. 2002, p. 89

agosto de 1974 quando policiais fuzilaram dois adolescentes sem antecedentes criminais⁶⁹.

Os jornais desse período não faziam distinções entre o que seria ação dos grupos de extermínio e o que seria resultado da prática de violência como uma ação criminosa aleatória (um assalto ou crime passional, por exemplo). Assim, instaura-se um senso comum acerca da região em que começa a ser associada a um “local perigoso”, posição compartilhada pelos moradores e comerciantes.

O pesquisador José Cláudio Souza Alves, em sua tese de doutorado⁷⁰, explica que, nos anos 70, “os editoriais de jornais passaram a manifestar, de forma mais explícita, suas análises sobre a violência e sobre a Baixada”. Ele cita a construção discursiva de O GLOBO (9/8/77), definindo a “fauna criminosa da Baixada Fluminense” e também a do JORNAL DO BRASIL, que, no editorial “Câncer vizinho”, definiria a Baixada como um local onde “a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade (...)”. A imprensa, ainda segundo José Cláudio, funciona ao mesmo tempo “como elemento de segregação da Baixada, identificando-a como outra sociedade, terra sem lei, lugar onde a *feiura* se associa ao crime ou câncer vizinho, e como instrumento de pressão no aprofundamento das investigações promovidas pela Delegacia de Homicídios”⁷¹.

O estudo da UNESCO, realizado na década de 70, que aponta Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu, como “o lugar mais violento do mundo” também contribui para a construção da imagem negativa sobre a Baixada. O título, inclusive, inspira Percival de Souza a escrever um capítulo da obra “A maior violência do mundo: a Baixada Fluminense”, chamado “Lembrem-se aqui é Belford Roxo... onde os ladrões vivem soltos e os comerciantes, atrás das grades”.

É importante ressaltar que alguns acontecimentos positivos da Baixada, embora em menor escala, também apareceram na mídia durante a década de 70. A construção do estádio do América, em Cosmorama e a expansão de algumas indústrias, como a Reduc em Duque de Caxias e a conseqüente retenção de mão-de-obra são bons exemplos das chamadas “alegrias paliativas regionais”⁷².

⁶⁸ GRZYNSZPAN, Mario *apud* ENNE, A. 2002, p. 89

⁶⁹ ALVES, José Cláudio. 2003, p.131

⁷⁰ ALVES, José Cláudio. 1998, p. 146.

⁷¹ Idem.

⁷² SOUZA, Percival. 1981. p. 57

A década de 70 também foi um marco para a imprensa local. Em 1971, foi inaugurado o JORNAL DE HOJE, atualmente o maior impresso que existe na Baixada, e com sede em Nova Iguaçu. As características desse jornal e algumas de suas marcas discursivas serão analisados no Capítulo 4.2 deste trabalho.

O início dos anos 80 marca o período de maior visibilidade para a Baixada Fluminense (e sua relação direta com a “violência”) na grande imprensa. Em sua tese, Ana Lucia Enne explica, a partir dos jornais que analisa, que não só aumentam as referências diretas à Baixada como um “local violento”, mas o tamanho das matérias chama a atenção: são muitas vezes páginas duplas, com fotos e grandes manchetes, narrando a “criminalidade” na Baixada.

E se na década de 60, Tenório Cavalcanti é o personagem principal da construção de uma imagem negativa para a Baixada, a figura do “Mão Branca” é o símbolo da década de 80, apresentado via imprensa como justiceiro local, mas, na prática, com ações bem similares a dos grupos de extermínio que já atuavam na Baixada nos anos anteriores. “As notícias acerca de suas ações envolveram uma extensa rede de jornalistas, policiais, bandidos, políticos, personalidades e pessoas comuns, se tornando pauta obrigatória nas conversas diárias dos leitores e de suítes (continuações das matérias)”⁷³.

Algumas mudanças, entretanto, começam a ser observadas em meados da década de 80, principalmente em relação à visão dos próprios moradores sobre a Baixada. Crescem os movimentos sociais, especialmente aqueles ligados à Igreja, como o “Centro de Formação de Líderes” que tinha a frente Dom Adriano Hipólito, e à formação das associações de moradores. Surgem também, no mesmo período, diversas instituições culturais, especialmente as casas e centros de cultura, que se espalharam pela Baixada para promoverem cursos, “resgatarem a cultura local”, participarem ativamente na construção da “cidadania” para os moradores e, como consequência gerarem imagens positivas para região. Dentre as instituições culturais criadas no período, podemos citar a Casa Cultural Donana, em Belford Roxo (ligada aos grupos de afro-reggae), o Centro Cultural Olga Teixeira de Oliveira, de Duque de Caxias, a Casa de Cultura de Nova Iguaçu, o Núcleo de Cultura Iguaçuana, e a Casa de Cultura de São João de Meriti. Esta última é a única que ainda funciona na Baixada, pois todas as

⁷³ ENNE, A. e DINIZ, B. 2005. p.9

demais encerraram suas atividades no decorrer da década, algumas ainda no início dos anos 90.⁷⁴

Outro sinal de mudança apontado por alguns autores é a descoberta da Baixada pela Zona Sul em função da ascensão das escolas de samba (vide Beija Flor de Nilópolis e Grande Rio de Duque de Caxias), as festividades dos terreiros de Umbanda e Candomblé e as feiras livres, descobertas não só pelos cariocas como também pelos moradores da Baixada⁷⁵.

Se os anos 80 anunciaram as mudanças, os anos 90 deixaram claro que a imprensa projetava uma imagem mais positiva acerca da Baixada. Nesse período dois grandes jornais cariocas começam a encadernar suplementos específicos sobre a região: O GLOBO BAIXADA, do jornal O GLOBO e o CADERNO GRANDE RIO, do jornal O Dia. Ana Lucia Enne explica que algumas matérias pinçadas nestes jornais em seus primeiros anos de funcionamento apontam para uma transformação no enfoque sobre a Baixada Fluminense. “As construções discursivas utilizavam palavras com forte efeito retórico, no sentido de gerar novas representações sobre a região, como, por exemplo, “recanto”, “lazer”, “bucólico”, entre outras”⁷⁶.

Além do surgimento dos cadernos jornalísticos sobre a Baixada, outros fatos são lembrados por alguns autores como significativos nesse processo de mudança na imagem da região via imprensa. Entre eles, a construção da Linha Vermelha, em 1992, que teria contribuído para diminuir a distância geográfica e, conseqüentemente, a distância social entre os moradores dos municípios da Baixada e os da cidade do Rio de Janeiro. Hoje, entretanto, a rodovia que liga a Zona Sul a Baixada Fluminense, é conhecida como a “Faixa de Gaza Brasileira”, posição reforçada, inclusive, pela mídia⁷⁷.

As notícias sobre “violência” continuam a ocupar as páginas da imprensa durante a década de 90, mas faziam referência muito mais ao município do Rio de Janeiro do que especialmente à Baixada. De “região mais violenta do mundo”, a região transforma-se em grande pólo de desenvolvimento econômico do estado. O historiador

⁷⁴ ENNE, A. 2002. p. 101

⁷⁵ MENDONÇA, E. *apud* ENNE, A. 2002 p. 102.

⁷⁶ *Ibidem*. p. 102

⁷⁷ Ver matéria “Via sem lei” produzida para o programa “Fantástico”, da TV GLOBO, exibida em 10 de julho de 2005.

Marcus Monteiro, entrevistado pela professora Ana Lucia Enne, explica como a visão “estigmatizada” sobre a Baixada foi diminuída:

(...) em função até das outras regiões ditas mais civilizadas da cidade do Rio de Janeiro terem descoberto as suas doenças, as suas cicatrizes, como a violência, como a falta de políticas públicas em diversas áreas, a violência não está só na Baixada, então você pega hoje as estatísticas e você vê que existem regiões na cidade do Rio de Janeiro muito mais violentas que a própria Baixada. (...) ⁷⁸ (Marcus Monteiro)

No próximo capítulo veremos, porém, que as mudanças positivas anunciadas na década de 90 sofrerão retrocessos no século XX e a chacina de 31 de março de 2005 será um dos marcos dessa mudança.

⁷⁸ MONTEIRO, M. *apud*: ENNE, A. 2002, p. 106

3.2 Século XXI: a representação sobre a Baixada mudou ou não?

Os anos 90 e o início do século XXI trouxeram, conforme demonstramos no capítulo anterior, algumas transformações nas construções discursivas via mídia sobre a Baixada Fluminense. Matérias sobre a violência na região praticamente desaparecem dos jornais impressos e os suplementos sobre a Baixada (encadernados nos jornais O GLOBO e O DIA) começam a publicar matérias que apontam para as “qualidades” da região. Além disso, é nesse mesmo período que a “Baixada Fluminense” é percebida como “mercado consumidor”- fator fundamental neste processo de mudanças. Nessa conjuntura é que é inaugurado, por exemplo, o shopping Grande Rio (São João de Meriti) em novembro de 95 – centro comercial que recebe, em média, um milhão de pessoas por mês.⁷⁹

A mostra “Devoção e Esquecimento – Presença do Barroco na Baixada Fluminense”, realizada no final do ano de 2001 na Casa França-Brasil, no centro do Rio de Janeiro, é um bom exemplo desse repertório diferenciado de representações sobre a Baixada. Tal exposição garantiu à região uma visibilidade grande na mídia, sendo objeto de matérias jornalísticas tanto na imprensa, quanto no rádio, na televisão e na Internet. Como aponta Ana Lucia Enne, “tal visibilidade se deu de forma extremamente positiva, com referências culturais à Baixada, muitas vezes apontando para a idéia de que a Baixada também tem sua história. Portanto, raramente a região conseguiu uma sequência de matérias jornalísticas que apontem para aspectos positivos, pois em geral as associações remetem à questão da violência ou às deficiências diversas”⁸⁰

Em 2003, dois outros grandes eventos culturais não tiveram, entretanto, a mesma visibilidade que a mostra sobre o barroco fluminense: a I Feira do Livro em Nova Iguaçu e III Fórum Social Carioca, em Nilópolis. O último, inclusive, fez parte da preparação do I Fórum Social Brasileiro, realizado no mês de novembro daquele mesmo ano em Belo Horizonte e, ainda assim, recebeu poucas inserções na mídia. O sociólogo Emir Sader em um artigo divulgado no *site* da agência de notícias “Carta Maior”, demonstra seu descontentamento frente a esse “esquecimento” da mídia:

⁷⁹ Dados da assessoria de imprensa do shopping, divulgados no site oficial <www.granderio.com.br>. Acesso em 03/10/2005.

⁸⁰ ENNE, A. 2002, p. 411.

(...) o tratamento da mídia é altamente discriminatório. O caderno “Idéias” do JB deu uma nota sobre a Feira do Livro algumas semanas atrás e O Globo deu uma pequena reportagem no dia da inauguração. Foi só. Nenhuma das edições dos cadernos literários – “Idéias”, do JB e “Prosa e Verso”, de O Globo – que saíram no dia seguinte à inauguração da feira publicaram uma nota que fosse sobre a programação do evento”.

Que diferença com a Feira de Parati, que contou com a participação das maiores editoras, que contou com recursos suficientes para levar o bom número de escritores estrangeiros, que convidou e pagou a estadia de grande parte dos editores de cultura da mídia brasileira e teve, como resultado, cobertura diária semanas antes do evento, durante sua realização e semanas depois! Mesmo com Parati sendo uma cidade pequena, cara, de difícil acesso, sem estrutura hoteleira para abrigar muita gente, obrigando o evento a se realizar em auditórios pequenos”.

Tudo isso revela a falta de generosidade e de compreensão da mídia e das grandes editoras sobre a importância de um evento como este da Baixada, porque sabem que ali está um público com menor peso na mídia – em suma, pobre e marginalizado⁸¹ (grifos meus)

O comentário de Sader evidencia o quanto expressivos eventos internos, ou seja, promovidos dentro da Baixada, foram e ainda são negligenciados pela mídia. Talvez, inclusive, a mostra “Devoção e Esquecimento – Presença do Barroco na Baixada Fluminense” teria menor expressão na mídia se ocorresse nas instalações do Sesc de Nova Iguaçu, e não em um dos salões da Casa França Brasil.

Assim, como explica a professora Ana Lucia Enne “(...) mesmo com as mudanças percebidas nos últimos anos, no sentido da própria imprensa estar apontando para aspectos mais positivos da região, as matérias jornalísticas aparecem esporadicamente, não constituindo uma abordagem sequencial que acabe por reforçar a imagem positiva pela repetição, em geral utilizada estrategicamente pelos meios de comunicação para fixarem seus conteúdos”⁸². Ou seja, essas pontuais representações positivas acerca da Baixada na mídia não são redutoras do preconceito sobre a região; A Baixada Fluminense recebe, ainda no século XXI, um tratamento estigmatizado pela mídia, um pouco menos evidente em alguns momentos.

⁸¹ Agência Carta Maior. <<http://agenciacartamaior.uol.com.br>>. Acesso em 05/10/2005

⁸² ENNE, A. 2002. p. 410

O tratamento que a mídia dispensa, hoje, à casa de shows “Via Show”, de São João de Meriti, também é outro exemplo de como as produções vindas da Baixada estão carregadas de estigmas. O espaço foi projetado em 2000 com o objetivo de ser “uma casa noturna de alta qualidade, em um ponto que todas as pessoas do Rio, Niterói, Baixada Fluminense, Zona Oeste e outras localidades pudessem ter acesso com facilidade”⁸³ - o que explica sua localização na Rodovia Presidente Dutra, na saída da Linha Vermelha. Na lista de artistas que lá já se apresentaram, encontram-se nomes da MPB (como Djavan), do samba (Jorge Aragão) e do rock nacional (Capital Inicial). Contudo, a casa, nos últimos anos, ganha espaço na mídia muito mais pelos crimes e brigas que acumula em seu histórico do que pelos eventos musicais que promove. A execução de quatro rapazes por policiais na saída da casa de espetáculos em 2004 e a briga entre bombeiros e policial militar em 2005 foram alguns dos exemplos de acontecimentos que ganharam visibilidade na mídia.

Outro dado que não pode ser excluído deste trabalho é a expressiva representação da Baixada Fluminense no noticiário político estadual e até nacional deste início de século. As eleições municipais de 2004 fizeram com que pelos menos um dos municípios da região ganhasse destaque em grandes jornais do Rio de Janeiro e de outras grandes metrópoles brasileiras. A disputa entre os candidatos Lindberg Farias, do Partido dos Trabalhadores (PT) – considerado forasteiro na política local - e Mário Marques, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) pela prefeitura de Nova Iguaçu tornou-se uma “questão federal” que inclui até a presença do ex-presidente nacional do PT, José Genuíno, e do ex-chefe da Casa Civil, José Dirceu, nos comícios do município.

As eleições provocaram uma mobilização de equipes da imprensa, rádio e da TV para a Baixada e as capas dos principais jornais cariocas - O GLOBO, O DIA, EXTRA e JORNAL DO BRASIL - faziam, com frequência, alguma referência ao processo eleitoral iguaçuano, fato não muito comum na história política da região. Após a vitória de Lindberg, com 57,74% dos votos válidos no segundo turno, o colunista Ancelmo Gois do jornal O GLOBO publicou a seguinte nota:

⁸³ Explicação disponível no site oficial da Casa, <www.viashow.com.br>. Acesso em 29/09/2005

Depois da vitória em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Lindberg Farias (PT), que sabe das coisas, bebemorava ontem no Leblon, bairro de bacanas no Rio. Lindinho, de bermuda, saboreava com a família o bom chope (tintim!) do Bacarense⁸⁴

O mesmo movimento de retorno do político “forasteiro”, ironizado por Ancelmo Gois, foi feito pelas equipes de reportagem, que voltaram para os “bairros dos bacanas”; E as repercussões da gestão petista recebem, hoje, pouca atenção da mídia.

O debate sobre a “desfusão” do Estado Rio, divulgado no início de 2005 nos noticiários, também exemplifica o quanto “política” e “Baixada Fluminense” são termos que raramente se “encontram” na mídia. Em abril desse mesmo ano, o jornal O GLOBO trouxe uma entrevista com o Secretário Municipal de Urbanismo, Alfredo Sirkis, cujo tema principal era a “desfusão”. Na matéria, o secretário afirmava que “há condições de fazer a separação sem traumas” e “existe uma incompatibilidade entre cidade e estado”. Essa foi uma das matérias que os grandes jornais publicaram sobre o tema, abordando quais as vantagens e desvantagens da “desfusão” para a cidade do Rio de Janeiro. No entanto, muitos veículos esqueceram de fazer a seguinte pergunta: E a Baixada, fica com quem? E foi esse, exatamente, o título de um artigo publicado pelo prefeito de Nova Iguaçu, Lindberg Farias, no jornal O GLOBO (VER ANEXO 7.4):

Até o sociólogo francês Alain Touraine, observador distante da realidade brasileira, já percebeu a armadilha da desfusão. Informado pelo colunista Merval Pereira, em seminário em Istambul, na Turquia, sobre a discussão que se trava por aqui em torno do tema, a primeira pergunta que ele fez ao colunista do GLOBO foi: “E a Baixada Fluminense, fica com quem?”. Diante da explicação de que o novo estado excluiria a Baixada, Touraine sorriu e disse: “Se a divisão for para se livrar da Baixada Fluminense, sou contra”. Como se vê, até o francês, a milhas de distância, está mais antenado ao povo do que as nossas elites, talvez cegas pelos insulfilmes dos vidros de seus carros que as protegem dos meninos que pedem dinheiro nos sinais de trânsito⁸⁵.

Saindo da editoria política e explorando o noticiário policial do início do século XXI, é possível perceber que a pergunta sugerida no título desse capítulo tende, cada vez mais, para uma resposta negativa. A relação violência - Baixada é sempre

⁸⁴ O GLOBO. Coluna de “Ancelmo Gois”. Novembro de 2004.

⁸⁵ O GLOBO - OPINIÃO. “E a Baixada fica com quem?”. Lindberg Farias. 05 de maio de 2005.

evidenciada quando há brechas para isso e, como consequência, o discurso que associa a região e seus arredores a uma “terra sem lei”, é reforçado.

Em 10 de julho de 2005, o “Fantástico” – programa jornalístico da TV GLOBO – trouxe a matéria “Vias sem lei” cuja proposta, segundo o próprio texto do apresentado, era mostrar o perigo das três principais vias de acesso à cidade: a Avenida Brasil e as Linhas Amarela e Vermelha. As imagens e o texto em OFF, entretanto, destacaram os acidentes, mortes (“128 bandidos e 6 policiais foram mortos na região”⁸⁶) e as favelas que rodeiam a Linha Vermelha, via que liga a Baixada Fluminense à Zona Sul. Portanto, a estrada que teria contribuído para diminuir a distância geográfica e, conseqüentemente, a distância social entre os moradores dos municípios da Baixada e os da cidade do Rio de Janeiro (veja capítulo anterior), tem, hoje, um papel totalmente inverso.

Por fim, um acontecimento do início deste século que é, inclusive, uma das motivações deste trabalho, não poderia deixar de ser citado neste capítulo. A chacina de 31 de março de 2005 exemplifica muito bem como a representação acerca da Baixada na mídia sofreu alterações pouco significativas na mudança de século. Em algumas matérias sobre o fato era possível verificar discursos pejorativos sobre a região, além do desconhecimento e o afastamento dos jornalistas sobre a realidade local. Uma dessas notícias trazia, por exemplo, o comentário “Poderia ser apenas mais uma chacina naquele **cotidiano de miséria(...)**”⁸⁷.

Sobre a chacina, existiam matérias espalhadas em todas as editorias, da “Polícia” ao suplemento para jovens (vide matéria “O Dia em que a vida parou”, publicada no caderno “Megazine” de “O Globo”), de jornais do Brasil e do mundo. A repercussão do fato na mídia e a análise das matérias de três jornais do estado sobre o acontecimento serão tema do próximo capítulo deste projeto.

⁸⁶ TV GLOBO, “Fantástico”. “Vias sem lei”, exibida em 10 de julho de 2005.

4.0 A violência na Baixada ganha proporções internacionais

Trinta e um de março de 2005. Vinte e nove pessoas são assassinadas nos municípios de Queimados e Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense entre 21h e 22h. O massacre, de acordo com as primeiras investigações da polícia, seria uma retaliação de policiais militares ao novo modelo de comando implantado no 15º Batalhão da Polícia Militar (Duque de Caxias). Entre as vítimas, havia uma criança e dois adolescentes.

Na ocasião o Secretário de Segurança Pública do Estado, Marcelo Itagiba, disse que montaria a maior operação já vista para encontrar os responsáveis pela chacina. Agentes da Polícia Federal do Rio e de outros estados foram deslocados para a região para participarem das investigações.

A chacina na Baixada Fluminense foi a maior registrada no estado desde 1993, quando morreram 21 pessoas em Vigário Geral. e oito menores nas proximidades da Igreja da Candelária. As comparações entre esses dois últimos acontecimentos e os assassinatos na Baixada foi um recurso muito usado na cobertura da mídia sobre o assunto e nos discursos de instituições envolvidas com o caso. As chacinas tinham em comum o fato de terem como agentes principais policiais que atiraram a esmo, sem um motivo judicialmente justificável.

Após o acontecimento, parentes das vítimas e entidades sensibilizadas com fato mobilizam-se para pedir a punição aos culpados e reivindicar medidas para acabar com os grupos de extermínio que agem na região. Entre essas manifestações podemos citar a viagem para Brasília dos familiares das vítimas para encontro com o Ministro da Justiça, o Presidente da Câmara, o Procurador Geral e Deputados Federais do Rio de Janeiro; a liderança das instituições locais SOS Queimados e o Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Nova Iguaçu em protestos para cobrança de providências; e a criação da Afaviv – Associação de familiares e amigos das vítimas de violência na Baixada Fluminense.

Todo esse cenário foi acompanhado de forma exaustiva pelos principais jornais, telejornais, rádios e *sites* do Brasil nos meses subsequentes à chacina. Durante o mês de abril de 2005, por exemplo, foi comum encontrar, nas capas do jornal O GLOBO e nas primeiras páginas da editoria RIO do mesmo impresso, uma matéria referente ao

⁸⁷TRIBUNA DA IMPRENSA. 08 de abril de 2005.

acontecimento⁸⁸. Em outros estados, a chacina também foi noticiada em mídias como o impresso FOLHA DE SÃO PAULO, O ESTADO DE SÃO PAULO, DIÁRIO DO NORDESTE, O ESTADO DO PARANÁ e ZERO HORA⁸⁹.

Embora o massacre na Baixada tenha ocorrido dois dias antes da morte do papa João Paulo II, período em que todos os veículos de comunicação deslocaram a atenção para o que acontecia no Vaticano, a chacina também chegou às mídias internacionais, entre elas os impressos norte-americanos NEW YORK TIMES⁹⁰ e WASHINGTON POST, o diário argentino CLARÍN; o impresso espanhol EL PAIS e a agência de notícias da China XINHUA. Além disso, a Organização das Nações Unidas também foi acionada para cobrar justiça às autoridades brasileiras; O representante da Anistia Internacional no Brasil Tim Cahill encaminhou um relatório à instituição sobre as mortes ocorridas na região, ressaltando no documento a preferência das autoridades por policiar mais as áreas nobres das cidades em detrimento das áreas de comunidades pobres. "Sabemos que pouquíssimos homicídios que acontecem no Rio são investigados. Queremos que a ONU nos ajude a cobrar das autoridades a punição dos culpados desta chacina", explicou Cahill à equipe do jornal O GLOBO em 6 de abril⁹¹.

Portanto, a despeito da pesquisa do “Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes” (CESeC)⁹², o silêncio que predominou na relação entre criminalidade na Baixada Fluminense e os jornais virou um “grito” extenso que ecoou até o Palácio Guanabara e Palácio do Planalto e chegou às forças políticas federais e estaduais e às instituições internacionais. A mídia, mediante a intensa exposição do acontecimento, participou do agendamento de políticas públicas para a região e exerceu pressões que repercutiram de forma positiva na realidade da Baixada Fluminense.

O número de homicídios em Nova Iguaçu e, sobretudo em Queimados, diminuiu significativamente no trimestre seguinte à prisão dos policiais militares acusados pela chacina de 31 de março. No trimestre de abril a junho de 2005, o número de homicídios

⁸⁸ Como exemplos, ver jornais publicados entre os dias 2 e 11 de abril que trazem matérias como “Todas as vozes se unem contra o massacre”, publicada dois dias após a chacina.

⁸⁹ Em todas as mídias citadas existia uma referência a Chacina nas primeiras páginas da edição de 2 de abril de 2005. (VER ANEXO 7.1)

⁹⁰ O NEW YORK TIMES inclusive, classificou a chacina como *o maior banho de sangue da história dessa freqüentemente violenta metrópole* em sua edição *on-line* de 2 de abril de 2005

⁹¹ Ver matéria “Anistia enviará à ONU pedido de ajuda e relatório sobre mortes” publicada em O Globo, de 6 de abril de 2004. VER ANEXO

⁹² Sobre a pesquisa, ler o capítulo 2 deste trabalho

registrados nas delegacias desses dois municípios caiu 26% em relação ao trimestre de dezembro de 2004 a fevereiro de 2005. O efeito foi particularmente marcado em Queimados, onde apenas seis homicídios foram contabilizados no trimestre. Nesse mesmo período, a queda no resto da Baixada foi de 18% e na capital de 15%⁹³. A redução das execuções na região é percebida, portanto, enquanto efeito imediato da exposição pública resultante da chacina.

Embora a extensa cobertura jornalística sobre a chacina da Baixada tenha participação significativa nesses efeitos positivos, os estigmas sobre a região continuaram sendo reforçados. As matérias traziam retratos pejorativos da região e ressaltavam apenas os índices negativos já enunciados no capítulo 2 deste trabalho. Para justificar essa afirmativa, as próximas páginas trazem uma análise das matérias publicadas naquele período em três jornais cariocas.

Antes disso, porém, veremos no próximo item como a mídia atua na identificação e exploração de acontecimentos e como um acontecimento pode ser assumido como problema pela sociedade em seu conjunto. A partir da análise do sociólogo francês Louis Quéré será possível compreender por que razão a questão da segurança pública na Baixada foi colocada em pauta após a chacina e por que a mesma chacina provocou reações públicas de agentes na vizinhança. Lembrando G. Deleuze, “os acontecimentos são singularidades que se desdobram num campo problemático e na vizinhança das quais se organizam soluções”⁹⁴.

⁹³ Dados do Laboratório de Análise da Violência da Uerj, 2002.

4.1 O papel da mídia na identificação e exploração dos acontecimentos

O que é acontecimento e qual o papel da mídia na identificação e exploração dos acontecimentos? Essas e outras questões serão discutidas no desenvolvimento deste capítulo, a fim de justificar por que a chacina da Baixada teve tão expressiva veiculação na mídia e por que algumas soluções foram geradas pós-acontecimento. Afinal, como enuncia Louis Quéré, “o papel dos media é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual soluções são elaboradas ou experimentadas”.⁹⁵

Antes de relacionar o termo ao papel midiático, vejamos como se define acontecimento e o que difere este conceito da definição de *fato*. Segundo explicação de José Manuel Santos em “Da perca do mundo á sociedade dos (mega)acontecimentos”, texto publicado em 2005 na Revista Trajectos, o termo acontecimento, até por oposição ao termo vizinho de *facto*, designa um fenômeno de ordem temporal. Um mesmo conteúdo – o assassinato de César por Brutus, por exemplo – pode ser designado por *fato* ou *acontecimento*. Neste último caso, ele é inserido no tempo da experiência vivida dos sujeitos. O assassinato de César é um acontecimento para os contemporâneos de César, e não só para os que dele foram testemunhas diretas; para nós, ele é um fato histórico. Sem dúvida que, neste último caso, o tempo não está completamente ausente. Mas o tempo histórico é um tempo constituído, por assim dizer, intelectualmente. O fato limita-se a ocupar um ponto na coordenada abstrata do tempo⁹⁶.

Os professores Muniz Sodré e Raquel Paiva, explicando a definição kantiana, escrevem no texto “Sobre o facto e o acontecimento” que “factos são objetos para conceitos cuja realidade objetiva pode ser provada”. Assim, são fatos “as propriedades matemáticas das grandezas, assim como o objeto de qualquer experiência possível. Neles se baseiam as ciências, a partir deles constroem hipóteses e teorias. Só que o acontecimento não é a própria coisa e sim uma objetivação conceitual da realidade dos fenômenos”.⁹⁷

Porém, os mesmos autores ressaltam que ao incorporar a definição kantiana de *fato* como *conceito* para objetos cuja realidade pode ser provada, é necessário encontrar

⁹⁴ DELEUZE, G. *apud* QUÉRÉ, L. 2005, p. 72.

⁹⁵ QUÉRÉ, L. 2005, p. 73

⁹⁶ SANTOS, José Manuel. 2005, p. 77

um outro termo para a representação social do fato, em especial para a informação jornalística concretizada na notícia. “Na prática, o acontecimento é um sinônimo de fato (...); é uma modalidade de tratamento do real do fato, portanto, é uma construção ou uma produção de realidade”.⁹⁸.

Isabel Babo Lança no texto “A constituição do acontecimento na experiência” publicado também na revista *Trajectos* defende uma caracterização dos acontecimentos a partir de suas conseqüências. A autora ressalta que “só a descrição da ação mais as suas conseqüências dão conta do que aconteceu ou do acontecimento humano do mundo”. Para Isabel Lança são os efeitos dos acontecimentos (seja um terremoto, um acidente numa central nuclear, uma greve geral, um atentado, uma guerra...), voluntários ou não, procurados ou imprevistos, que determinam o significado e o valor simbólico que lhe é atribuído. Sendo também em função das suas conseqüências que o acontecimento afeta indivíduos ou grupos que agem em resposta ao que lhe aconteceu, sobretudo se os efeitos forem graves, persistentes, mais ou menos duráveis, irreversíveis⁹⁹.

Louis Quéré em “Entre o fato e sentido: a dualidade do acontecimento” completa as definições anteriores ressaltando que o acontecimento apresenta, um caráter inaugural, de tal forma que, ao produzir-se, ele não é apenas, o início de um processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra¹⁰⁰. Segundo Quéré, “(...)quando um acontecimento se produziu, qualquer que tenha sido a sua importância, o mundo já não é o mesmo: as coisas mudaram. O acontecimento introduz uma descontinuidade, só perceptível num fundo de continuidade. No entanto, apesar de a ocorrência de um acontecimento mudar qualquer coisa ao estado anterior do mundo, nem tudo o que acontece é descontínuo. Certos acontecimentos são esperados ou previstos, e quando se produzem são o resultado daquilo que os precedeu. A sua ocorrência faz, apesar disso, emergir algo novo”¹⁰¹.

Para exemplificar esse poder de ação ligado ao acontecimento lembremos como a chacina na Baixada foi um evento-marco para a elaboração de estratégias e movimentos com a finalidade de reduzir a atuação dos grupos de extermínio na

⁹⁷ PAIVA, R. e SODRÉ, M. 2005, p. 95

⁹⁸ Idem

⁹⁹ LANÇA, I. 2005, p. 85

¹⁰⁰ QUÉRÉ, L. 2005, p. 60

¹⁰¹ QUÉRÉ, L. 2005, p. 61

Baixada. O próprio documento “Impunidade na Baixada”, citado no capítulo 3 deste projeto, é um exemplo dessas iniciativas. Além disso, a mídia também garantiu atenção maior para a Baixada Fluminense após o acontecimento e a criação do bloco “RJ na Baixada”, do telejornal RJTV da Rede Globo, é a maior demonstração desse novo olhar. O novo espaço telejornalístico foi inaugurado em 25 de abril de 2005, quase um mês após a chacina e uma base de jornalismo foi instalada em Duque de Caxias - município com o maior número de moradores na região. A primeira matéria do bloco trouxe, inclusive, uma entrevista com o secretário estadual de segurança, Marcelo Itagiba, sobre as investigações dos responsáveis pela chacina.

Louis Quéré lembra também que os acontecimentos importantes são, em grande parte, inesperados e que a produção destes é não é contínua a fim de provocar surpresa¹⁰². O jornalismo, ao defender os princípios da novidade e brevidade acaba corroborando com essa descontinuidade do acontecimento, desligando-o do passado. O teórico de “esquerda”, integrante da Escola de Frankfurt, Walter Benjamim já comentava esse processo em seu tempo:

Se a imprensa teve como objetivo permitir ao leitor incorporar na sua própria experiência as informações que lhe fornece, está longe de o ter conseguido. Mas é exatamente o contrário que ela pretende o que ela consegue. O seu propósito é o de apresentar os acontecimentos de maneira a que estes não possam penetrar no domínio onde se relacionam com a experiência do leitor. (...) Apresentados como correspondendo às últimas notícias, os acontecimentos são em regra, ou quase, desprovidos de novidade porque, para além de terem sido repetidos ao longo do dia pelos diferentes media, o seu caráter de descontinuidade fica erradicado. São já “completamente impregnados de explicações”¹⁰³.

As “explicações” impregnadas nos jornais, citadas por Walter Benjamim, também estão relacionadas às estratégias da imprensa contemporânea em exercer um jornalismo opinativo disfarçado, sem perder o seu princípio de objetividade. Em sua tese de doutorado Ana Lucia Enne explica como funcionam essas estratégias. Primeiro é fornecida a informação, através de matéria direta, objetiva, sem interferências. Mas, para garantir e facilitar o entendimento do leitor, são acrescentadas, a essa matéria

¹⁰² Idem

¹⁰³ BENJAMIM, W. *apud*: QUÉRÉ, L. 2005, p. 73.

principal, uma série de outras “retrancas” ou de “boxes”, que procurem destacar determinados conteúdos. Nesses espaços da página é que são dadas explicações adicionais para orientar a leitura do receptor, permitindo uma compreensão mais ampla do que a fornecida pela notícia em si.¹⁰⁴ Com isso, segundo Ana Enne, “o produtor da mensagem acredita estar ajudando ao leitor na interpretação correta da notícia, visto que, dado o imediatismo da informação contemporânea, ele pode se distanciar do contexto e se concentrar somente no fato, desconsiderando sua dimensão contextual”.

As matérias sobre a chacina de 31 de março na Baixada Fluminense são bons exemplos de como funcionam essas estratégias. Muitos dos textos sobre o acontecimento eram acompanhados de um panorama sobre os últimos crimes na região, uma série de dados sobre a violência na região e explicações sobre a composição da Baixada Fluminense¹⁰⁵.

Por outro lado, questões mais antigas sobre como os grupos de extermínio se constituíram na região e como se mantiveram até hoje não foram abordadas nos textos dessas matérias e nem incluídas nos “boxes” ou “retrancas” complementares. Isso faz parte da estratégia anunciada por Louis Quéré - explicada anteriormente - de que os acontecimentos são descontextualizados a fim de gerar “surpresa”. Entretanto, como afirma José Cláudio Alves, em “Impunidade na Baixada”, a chacina que ocorreu em Nova Iguaçu e Queimados traz como “novidade” apenas a quantidade de executados em uma mesma operação. O sociólogo justifica essa afirmação:

A versão divulgada de imediato pela mídia foi a de uma operação que visava obstruir o processo de moralização e identificação de policiais envolvidos em crimes na região, iniciada por um novo comando. Confirmada, essa versão nada mais é do que a continuidade de uma prática comum ao longo da história dos grupos de extermínio na Baixada. A cada movimento de controle e limite para a operação desses grupos, reações como o aumento do número de vítimas sempre foram identificadas, gerando, a seguir, uma acomodação das políticas de segurança¹⁰⁶.

¹⁰⁴ ENNE, A. 2002, p. 71

¹⁰⁵ Na matéria “Crimes sem castigo na Baixada” (O GLOBO BAIXADA, 17/04/2005) há um levantamento de outros massacres que ocorreram na região. Já a matéria “A matança invisível no dia-a-dia da Baixada” (O GLOBO, 10/04/2005) faz referência aos índices de criminalidade na BF. Por fim, a matéria “Ação Federal na Baixada” (O GLOBO, 11/04/2005) é ilustrada pelo quadro “Saiba mais sobre a região” que traz os dados de analfabetismo, déficit de habitações e o acesso a rede de água e esgoto na região. As duas últimas foram expostas na seção ANEXOS deste trabalho.

¹⁰⁶ ALVES, José Cláudio *In*: CESEC e FASE (org.) **Impunidade na Baixada Fluminense**, 2005, p. 36

As matérias sobre o acontecimento na Baixada, portanto, omitiram ações passadas desses grupos e a relação intrínseca desses com o poder público (a ligação foi explicada no capítulo 2), tratando a chacina como um fato espetacular na história da região. Outro dado que também foi omitido na cobertura foi a coincidência da data da chacina (31 de março) com o aniversário de 41 anos após a deflagração do golpe militar; Afinal, existe uma clara relação entre os grupos de extermínio e o golpe de 1964, explicada por José Cláudio Alves em sua tese de doutorado “Baixada Fluminense: a violência na construção do poder”. O sociólogo explica que “desde o golpe de 1964, sobretudo a partir de 1967, a Polícia Militar vinha assumindo um papel coadjuvante na repressão montada pela ditadura...”, o que a levaria a atuar diretamente na formação de “grupos de extermínio”.¹⁰⁷

Essa reação pouco analítica da mídia em relação ao acontecimento específico da chacina caracteriza exatamente o modelo de jornalismo que não consegue ultrapassar, ainda que minimamente, a aparência das coisas e que apenas repete as opiniões e preconceitos adquiridos no dia-a-dia. Segundo Raquel Paiva e Muniz Sodré em “Sobre o facto e o acontecimento” essa postura contraria o papel do jornalista que, para os autores, “é acima de tudo, o intérprete qualificado de uma realidade que deve ser contextualizada, reproduzida e compreendida nas suas relações de causalidade e condicionamento históricos”¹⁰⁸.

¹⁰⁷ ALVES, José Cláudio *apud*: ENNE, A. 2002, p. 94

¹⁰⁸ Os mesmos autores lembram que esses pressupostos estão hoje mais presentes na atividade e no exercício do jornalismo comunitário ou cívico, que tem como propósitos prioritários, antes mesmo da transmissão, a conscientização, a educação e o exercício da cidadania. Cf.: PAIVA, R. e SODRE, M. 2005, p. 100

4.2 A cobertura da chacina em três jornais cariocas: como a Baixada foi representada?

Durante o mês de abril de 2005 os jornais foram pautados pelo acontecimento e desdobramento da chacina de 29 pessoas na Baixada Fluminense. O andamento das investigações, o retrato comportamental das vítimas e as manifestações populares que sucederam ao fato foram algumas das pautas desenvolvidas em muitos impressos do Brasil e do mundo, como vimos no capítulo anterior. Algumas dessas matérias também trouxeram uma “radiografia” da região, explicando ao leitor quais eram as particularidades e o que destacava a Baixada Fluminense do restante do estado. O objetivo deste final de capítulo é, portanto, analisar como foram desenvolvidas essas representações sobre a Baixada em três veículos impressos selecionados: o jornal O GLOBO, O DIA e JORNAL DE HOJE. Porém, antes de abordar essa questão, veremos qual a linha editorial dos jornais em questão e qual o espaço que os mesmos garantem a Baixada Fluminense quando não ocorrem grandes acontecimentos como a chacina.

Voltado para a classe média, o jornal O GLOBO é um impresso de expressão nacional e de grande participação no debate político brasileiro. As questões regionais, embora ocupem espaço menor que as questões políticas (“Política” é, inclusive, o primeiro caderno editorial de O GLOBO), têm uma expressão relevante e são alocadas na seção “Rio” do impresso. Entretanto, as questões regionais tratadas na editoria “Rio” garantem espaço reduzido ao que ocorre na Baixada Fluminense, como comprova a pesquisa desenvolvida pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Cândido Mendes (CESeC), focada em matérias sobre violência e segurança pública. De acordo com este trabalho, apenas 22,7% das matérias analisadas entre maio e setembro de 2004 são fatos ocorridos na Baixada e divulgados em O GLOBO¹⁰⁹.

Por outro lado, os cadernos de bairro criados pelo jornal O GLOBO (10, no total) procuram reduzir a desproporção apontada e “visam um jornalismo mais ligado a temas do cotidiano e à prestação de serviços à “comunidade”, sendo marcados ainda por um forte sentido mercadológico, buscando conseguir anunciantes entre o comércio local e criar um público consumidor entre os moradores de cada região englobada pelo

respectivo caderno”¹¹⁰. O caderno O GLOBO BAIXADA foi criado em setembro de 1990 com a proposta de “se aprofundar cada vez mais nas realidades locais e contribuir para a solução dos problemas da comunidade”¹¹¹, como é apontado no editorial da primeira publicação do caderno. O texto ainda continua com a seguinte observação: “Com este, já são doze os suplementos semanais dedicados a esse tipo de jornalismo, que repercute com maior força as necessidades de cada região e contribui para divulgar uma imagem real das comunidades”¹¹² (grifos meus). Entretanto, Ana Lucia Enne, em sua tese de doutorado, explica que, nos primeiros anos de existência do caderno, procurou-se divulgar uma imagem idealizada da Baixada que reforçava as qualidades da região. Diz Ana Lucia:

Algumas matérias pinçadas nestes jornais em seus primeiros anos de funcionamento apontam para esta transformação nos enfoques acerca da Baixada Fluminense. As construções discursivas utilizavam palavras com forte efeito retórico, no sentido de gerar novas representações sobre a região (...), como, por exemplo, “recanto”, “lazer”, “bucólico”, entre outras¹¹³.

Outro jornal que também dedica um espaço editorial exclusivo para a Baixada Fluminense é O DIA, em seu caderno O DIA NA BAIXADA, criado na década de 90. Embora tenha, assim como o caderno de O GLOBO, um forte sentido mercadológico, o jornal também participou dessa mudança de representação sobre a Baixada, apontada por Ana Lucia Enne. E no caso de O DIA essa transformação veio acompanhada de uma mudança muito mais profunda, realizada na linha editorial do jornal.

Na dissertação de mestrado “O desvio nosso de cada dia – A representação do cotidiano num jornal popular”, Antonio Serra identificou o jornal O DIA dos anos 70 como de linha editorial que privilegiava matérias de polícia e dava ênfase ao grotesco e ao escatológico; Era conhecido como o jornal que “se espreme, sai sangue”. Na década de 90, no entanto, essa linha foi suavizada, a diagramação ficou mais sofisticada e matérias de política, economia, serviços, esportes e cultura foram enfatizadas visando distanciar o diário da imagem de sensacionalista. A entrada do jornal *EXTRA*, no

¹⁰⁹ Durante o período analisado pelo CESeC foram publicadas 66 matérias sobre a Baixada em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Dessas, 15 foram extraídas do jornal O GLOBO.

¹¹⁰ ENNE, A. 2002, p. 110

¹¹¹ O editorial foi publicado em 16 de setembro de 1990 e descrito por ENNE, A. 2002, p. 111

¹¹² Idem

¹¹³ ENNE, A. 2002, p. 102

mercado carioca, em 1997, foi determinante para que o jornal perdesse público e anunciantes. O EXTRA, inclusive, domina hoje o mercado de impressos populares no Rio de Janeiro e em São Paulo e é o jornal que mais vende aos domingos, superando O GLOBO e A FOLHA DE SÃO PAULO¹¹⁴.

Em 1º de fevereiro de 2005, o jornalista Eucimar de Oliveira assumiu o cargo de diretor editorial de Mídia Impressa do jornal O DIA com o objetivo de fazer O DIA “leve, bem –humorado, útil, com a cara do Rio (...) como sempre foi”, disse Eucimar em entrevista ao *site* “Observatório da Imprensa”, em 23 de fevereiro.

Na primeira matéria publicada em O DIA sobre a chacina da Baixada é possível perceber essa mudança na linha editorial do jornal. O jornal trazia, em sua primeira página, a manchete SÃO 30 MORTOS¹¹⁵ acompanhada do subtítulo “Mulher participou da execução” e posicionada sobre a foto das covas abertas. Ainda nas matérias sobre a chacina o jornal trouxe em 10 de abril, a matéria “Sonhos partidos a bala” em que explicava que os “tiros disparados por PMs interromperam o futuro de 30 inocentes, entre eles jovens que sonhavam ser atletas, policiais e médicos”¹¹⁶ Existe, portanto, um forte apelo emocional nessas matérias e a aproximação com as classes de menor poder aquisitivo por meio de uma linguagem simples e direta.

O último jornal analisado quanto à produção de matérias sobre a chacina da Baixada foi o JORNAL DE HOJE, impresso publicado na Baixada Fluminense cuja redação funciona no município de Nova Iguaçu. O jornal foi criado em 1971 com o objetivo de ser um veículo de expressão das necessidades dos moradores da Baixada e em suas oito páginas publica matérias sobre a política, ações policiais, cultura, esporte, educação, entre outros assuntos. Embora venha acompanhado do slogan “diário da Baixada”, o jornal não é um diário: só circula de terça a sábado na região.

O JORNAL DE HOJE não dedica um caderno a Baixada ou traz matérias aleatórias sobre a região em seu caderno principal; É um diário que traz a Baixada Fluminense como temática principal e, por isso, está mais próximo da realidade da região. Entretanto, esse fator não distancia o jornal de um discurso marcadamente sensacionalista, que tenta dar outra dimensão aos fatos. Nas edições analisadas para essa pesquisa encontramos manchetes que ressaltam números de mortes e como ocorrem os

¹¹⁴ Dados retirados de matéria publicada no *site* Observatório da Imprensa <www.observatoriodaimprensa.com.br> em 23 de fevereiro de 2005. Acesso em 5 de outubro de 2005.

¹¹⁵ O DIA, 02/4/2005. VER ANEXO 7.1.

assassinatos, evidenciando assim as marcas mais sensacionais da notícia. Entre alguns exemplos, há as seguintes manchetes: “Morto da tiros próximo à delegacia de Belford Roxo”; “Casal tem carro fuzilado na Via Dutra” e “MP denuncia médica por mais de seis mil abortos”¹¹⁷.

A influência política neste jornal também é muito evidente. Durante o mês de abril, por exemplo, a foto do prefeito de Nova Iguaçu Lindberg Farias foi estampada na primeira página de, pelo menos, cinco edições, acompanhada de uma legenda sobre alguma inauguração municipal ou sobre a presença do político em algum evento.

As diferenças entre a representação da Baixada nesses três impressos de linhas editoriais bem distintas será o tema das próximas discussões.

O Globo, 02 de abril de 2005.

“Investigação reforça ação de PMs em chacina da Baixada”

Foi com a manchete descrita acima e retirada da primeira página de O GLOBO que o jornal publicou a primeira de muitas matérias sobre a chacina de 29 pessoas na Baixada Fluminense. Foram notícias sobre o acontecimento, a investigação, a histórias de vida das vítimas e sobre a região que assistiu à chacina. Sobre essas últimas é que daremos especial destaque nesta seleção.

Já explicamos anteriormente como a mídia pode reagir de forma pouco analítica diante de um fato, desconsiderando contextos e tratando-o como novidade. Em O GLOBO de 10 de abril, por exemplo, a matéria “Sinônimo de quadrilha, o ‘Comando Azul’ agora está no banco dos réus” (VER ANEXO 7.5) trazia, por exemplo, a seguinte frase:

A chacina de 30 pessoas na Baixada Fluminense disparou o alarme sobre o envolvimento de policiais com o crime. O que já foi chamado de ‘Comando Azul’ como símbolo do poder do estado no enfrentamento ao crime organizado virou sinônimo de quadrilha¹¹⁸

No entanto, esse “alarme” já havia sido disparado outras vezes. Em outubro de 1997, o Instituto Superior de Estudos Religiosos- ISER, uma organização não-

¹¹⁶ A explicação é a transcrição do subtítulo da mesma matéria, publicada em 10 de abril de 2005.

¹¹⁷ As manchetes foram extraídas, respectivamente, das primeiras páginas dos dias 06, 12 e 15 de abril de 2005.

¹¹⁸ O GLOBO. “Sinônimo de Quadrilha”, 10 de abril de 2005.

governamental,, lançou relatório demonstrando que a polícia fluminense matara pelo menos 942 civis na cidade do Rio, entre o período de 1º de janeiro de 1993 e 31 de julho de 1996. A pesquisa do ISER inclui análises dos laudos do Instituto Médico Legal demonstrando que pelo menos quarenta dos 942 civis foram vítimas de execuções sumárias, mortos à queima-roupa. A pesquisa também demonstra que o índice de homicídios cometidos pela polícia na cidade do Rio de Janeiro aumentou de dezesseis mortes para trinta e dois mortos por mês em maio de 1995¹¹⁹. O próprio O GLOBO trouxe um dia antes, a matéria “Suspeitas cada vez mais fortes” em que um dos boxes, referente ao manifesto assinado por intelectuais, ONG’s e centros de estudo após a chacina, trazia o seguinte trecho:

O documento lembra que casos como o de Nova Iguaçu e Queimados têm se repetido ao longo dos anos: ‘Não é de hoje que o Rio de Janeiro vem sendo palco de inúmeras chacinas de moradores de suas favelas e bairros populares. Alimentadas pela impunidade dos autores – quase sempre policiais militares – elas se multiplicam e deixam de ser acontecimentos extraordinários, tornando-se sistemáticos¹²⁰.

O trecho em destaque denota, portanto, que o “alarme” anunciado na matéria do dia 10 de abril tem um tom muito mais *sensacional* do que propriamente relaciona-se com a realidade.

Esse discurso marcadamente sensacionalista também foi observado em outras matérias analisadas. A matéria “A matança invisível no dia-a-dia da Baixada”, publicada também em 10 de abril (VER ANEXO 7.3), traz dados como o “em Queimados e Nova Iguaçu, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pela ONU, é menor que a média no estado. Enquanto no estado o IDH evoluiu de 0,753 para 0,807(...), entre 1991 e o 2000, em Queimados, passou 0,661 para 0,732”. O jornal O GLOBO, entretanto, esqueceu de apontar que além de Queimados e Nova Iguaçu, a região é formada por outros dez municípios e que um deles (Nilópolis) apresentou, no índice “Educação” do IDH Municipal de 2000, a segunda maior média do estado (0,933)¹²¹ dividindo a colocação com a capital. Portanto, a representação da Baixada na

¹¹⁹ A pesquisa foi extraída do site da *Human Rights Watch/Americas (Divisão das Américas)*, < www.hrw.org>. Acesso em 27/10/2005.

¹²⁰ O GLOBO. “Suspeitas cada vez mais fortes”. 9 de abril de 2005.

¹²¹ Dados do Tribunal de Contas do Estado, 2000.

matéria de O GLOBO aponta apenas um recorte dos dados sobre desenvolvimento (aqueles que convém ao jornal), reforçando, assim, os estigmas sobre a região.

Na mesma semana daquela matéria, o jornal O GLOBO trouxe mais um texto que reforçava os preconceitos sobre a região. O editorial “A Baixada é aqui”, publicado em 7 de abril (VER ANEXO 7.6), trazia frases e palavras que denotam claramente o tom depreciativo que a Baixada recebe na mídia. Entre os seis parágrafos do texto lia-se, por exemplo, que “não serve de atenuante o massacre ter ocorrido fora do Rio. O carioca, mesmo os bairros de classes abastadas, não se deve enganar – se é que algum dia ainda se engana” ou que “a milícia age nas favelas do Recreio e da Barra da Tijuca. Bairros cuja imagem e localização nada fazem lembrar a Baixada Fluminense. Não faziam, pois agora têm um ponto em comum” (grifos meus). O editorial de O GLOBO faz, portanto, um alerta exclusivo aos cariocas e ressalta ainda as diferenças “naturais” entre bairros da cidade do Rio e a Baixada Fluminense. Isso demonstra que O GLOBO não tem a proposta editorial de cobrir o que acontece na Baixada, deixando essa função para o caderno dominical de bairro. Em exceções nessa linha editorial, como a cobertura da chacina, o jornal procura relacionar o acontecimento ao público carioca, segregando a Baixada do restante do estado e reforçando o senso comum de que, naquela região, a violência é a única marca definidora.

Durante a cobertura da chacina, outros textos de O GLOBO também procuraram fazer uma radiografia da Baixada trazendo dados que refletissem a pobreza, a violência e a falta de infra-estrutura na região. Em 11 de abril o jornal trouxe a matéria “Ação federal na Baixada” (VER ANEXO 7.2) que descrevia, em um infográfico, “A Baixada em Números”. Os cinco itens que apresentavam a Baixada no jornal eram:

- De cada dez pessoas, duas têm rendimento mensal inferior a meio salário-mínimo;
- 27,9% dos domicílios têm problema de infra-estrutura ou grande número de habitantes por cômodo;
- O déficit de habitações é de 7,6%;
- Quase 30% dos domicílios não têm acesso a água, enquanto 55,3% não são servidos por esgoto;
- A taxa de analfabetismo é de 7,3%¹²².

De acordo com os dados dessa matéria a Baixada é constituída apenas de dados negativos no que tange à educação, à moradia, ao rendimento *per capita* e à rede de abastecimento de água e esgoto. Na mesma matéria há uma retranca com o título

“Estatística confirma a necessidade” que complementa o infográfico, descrevendo índices negativos referentes à saúde na região. Segundo o texto “Na saúde, as desvantagens da Baixada também aparecem. Dos 189 hospitais credenciados pelo SUS, na Região Metropolitana, 102 ficam no município do Rio e os outros 87 espalhados por 11 municípios da Baixada e mais Itaboraí, Niterói, São Gonçalo e Tanguá”. O único parágrafo que relativiza essa situação de penúria descrita é o que diz que “Nilópolis, por exemplo, tem a maior parte de seu território urbanizado e sem favelas, mas Nova Iguaçu e Duque de Caxias estão cercados de loteamentos irregulares e apenas 35% de suas ruas são pavimentadas”. O texto faz referência à radiografia realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1998 e demonstra que os municípios da Baixada não são homogêneos, embora o restante da matéria denote o contrário.

Seis dias após a matéria “Ação Federal na Baixada” o mesmo jornal traz uma nova radiografia da região, relembrando os dados citados na matéria anterior e trazendo um dado novo: os números que traduzem a violência na região. Com o título “Impunidade”, a matéria traz, já no primeiro parágrafo, uma pequena história que, segundo o jornal, faz parte do cotidiano da região:

Em novembro do ano passado, quatro meses antes da chacina que vitimou 29 pessoas, um cidadão foi encontrado morto num dos 12 municípios da Baixada Fluminense. Ele tinha um nome, uma família, uma história, mas passou a ser uma estatística. Era o cidadão de número 20 mil assassinado na região desde 1995, média de cinco por dia. Se o crime é quase rotineiro, o castigo está distante. Segundo números do Tribunal de Justiça, a região teve em 2004 o menor número de homicídios denunciados, ou seja, casos em que as polícias e o Ministério Público conseguiram provas suficientes para levar os acusados a julgamento¹²³

Evidenciar a violência na região também foi a mesma estratégia que o caderno O GLOBO BAIXADA usou na matéria “Medo cria novos hábitos”, publicada em 10 de abril de 2005 (VER ANEXO 7.8). O primeiro parágrafo da matéria já trazia o dado de que:

O medo da violência, que na Baixada Fluminense culminou, há dez dias, na maior chacina do estado, com 30 vítimas, algumas delas crianças, fez com que moradores da região mudassem sua rotina. Desde evitar

¹²² O GLOBO. “Ação federal na Baixada”. 11 de abril de 2005.

¹²³ O GLOBO. “Impunidade”. 17 de abril de 2005. VER ANEXO 7.7

ruas desertas à noite a fazer caminhos diferentes na volta para a casa, a população tem se resguardado em seus lares. No entanto, cuidados e preocupações já ocupavam as vidas de pessoas que estudam ou trabalham em locais distantes de suas moradias e voltam à noite. Entre eles, avisar a familiares o horário da chegada e pegar ônibus em lugares alternativos. A preocupação também é vivenciada diariamente por pais aflitos, que aguardam o retorno de seus filhos nos portões de suas casas e rezam por segurança¹²⁴

Como demonstramos no capítulo 2 deste trabalho, a violência é uma marca muito presente na Baixada Fluminense que não pode ser desconsiderada. No entanto, a matéria de O GLOBO denota uma ampliação grotesca dessa marca, que compara a Baixada a uma região de conflitos constantes, onde até os moradores têm medo de saírem de suas casas. A imagem, portanto, de uma região em desenvolvimento que o próprio caderno da Baixada de O GLOBO ajudou a propagar (ver início deste capítulo) foi esquecida.

Percebe-se, então, que a associação da Baixada ao “faroeste fluminense”, imagem que vigorou principalmente na década de 70 nos jornais, foi lembrada em O GLOBO durante toda a cobertura da chacina. A região foi representada como o local onde o caos e a desorganização imperam e onde a violência é a marca determinante.

É importante destacar ainda que em 30 de abril, um mês após a chacina, foi comemorado o “Dia da Baixada”, celebrado desde o ano 2000 em homenagem a inauguração da primeira estrada de ferro no Brasil, em Magé. Ao contrário da chacina, a data foi anunciada em uma nota de rodapé da editoria “Rio” de O GLOBO e uma pequena matéria publicada na edição de 24 de abril de O GLOBO BAIXADA¹²⁵ (VER ANEXO 7.9). Na edição do dia 30 de abril de O GLOBO, inclusive, a missa de 30ª dia pelas vítimas da chacina e a repercussão das investigações ganharam duas páginas do impresso. Isso reforça mais uma vez que a marca da violência interessa muito mais ao jornal do que as imagens positivas acerca da Baixada Fluminense.

¹²⁴ O GLOBO BAIXADA. “Medo cria novos hábitos”. 10 de abril de 2005. VER ANEXO 7.8.

O Dia, 02 de abril de 2005.

“São 30 mortos”

Foi indicando o número de pessoas assassinadas que o jornal carioca O DIA publicou a primeira matéria sobre a chacina que ocorreu na Baixada em 31 de março (VER ANEXO 7.1). Com uma linguagem simples, direta e de forte efeito retórico que, como indicamos no início deste capítulo, faz parte das mudanças editoriais promovidas pelo jornal em 2005, O DIA publicou nessa mesma edição matérias como “O drama dos sobreviventes” (sobre três sobreviventes que estavam hospitalizados) e “Selvageria contra inocentes” (relatando o acontecimento). Em outras matérias analisadas no mês de abril encontramos outros títulos que fazem um claro apelo ao aspecto sensacional da notícia, tais como: “Sonhos partidos a bala” (O DIA, 10/04), “Rastro de mortes na Baixada” (06/4) e “Ação marcada pela crueldade” (07/04).

Ao contrário de O GLOBO, a cobertura da chacina em O DIA trouxe poucas matérias que fizessem uma descrição mais ampla sobre a Baixada Fluminense e outros acontecimentos na região. Para citar alguns exemplos, foram publicadas matérias que revelavam o histórico de ações de grupos de extermínio na região como em “Batalhões da PM ficam de prontidão” (O DIA, 02/04) em que o coronel Hudson Aguiar afirmava que “há mais de vinte anos não se penetrava na Baixada para desvendar os crimes. Agora, tivemos coragem de fazer isso para acabar com esse foco...”. Em 10 de abril foi publicada também a matéria “Estatísticas mostram que há quase 100 mortes suspeitas a cada mês envolvendo PMs” em que se explicava que:

A violência dos maus policiais já provocou muitas mortes em vários pontos do estado. A média é de 100 mortes suspeitas por mês. Dos 38 quartéis da PM, sete batalhões do Rio e Baixada Fluminense lideram o ranking de denúncias sobre tortura, extorsão e homicídios disfarçados em registros de autos de resistência¹²⁶.

O jornal O DIA trouxe nesta matéria, portanto, dados que comprovam que a violência relacionada à atuação de maus policiais não se restringe à região; É um problema que atinge todo o estado do Rio de Janeiro. Como vimos anteriormente, essa

¹²⁵ O GLOBO - BAIXADA. “Dia da Baixada é comemorado com festas”. 24 de abril de 2005

¹²⁶ O DIA. “Estatísticas mostram que há quase 100 mortes suspeitas a cada mês envolvendo PMs”. 10 de abril de 2005

não foi a mesma abordagem que o jornal O GLOBO usou em suas matérias que “radiografavam” a região.

A ausência de explicações sócio-econômicas sobre a Baixada Fluminense em O DIA, durante a cobertura da chacina, pode ser explicada pela seleção cotidiana de matérias sobre o que ocorre em todo o estado do Rio de Janeiro, não só na capital. . Durante o mês de abril de 2005, por exemplo, ao mesmo tempo em que o jornal noticiava a morte de 29 pessoas em Nova Iguaçu e Queimados, publicava matérias sobre o afastamento de um vereador em Mesquita, os problemas da Vila Olímpica de São João de Meriti e ações sociais promovidas pela Polícia Militar em Caxias e Queimados¹²⁷. Dizer o que é a Baixada para o leitor de O DIA pode soar, então, como redundância e não provocar interesse.

Quanto ao “Dia da Baixada” que, como mostramos em O GLOBO não teve grande visibilidade, ganhou uma matéria no dia 30 de abril e outra no domingo anterior, publicada no caderno regional O DIA NA BAIXADA. Nesta, um histórico sobre a data e sobre a região foi levantado em uma grande matéria cujo primeiro parágrafo já anunciava:

A Baixada Fluminense está em festa: dia 30 a região comemora 438 anos de existência. A data, que não marca exatamente o nascimento da área, foi escolhida por um motivo histórico. Foi na manhã de 30 de abril de 1854, na antiga freguesia de Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba, hoje o município de Magé, que a primeira estrada de ferro do Brasil foi inaugurada. Foi ali que começou o desenvolvimento da região, que hoje possui mais de 3,5 milhões de habitantes.¹²⁸ (grifos meus)

Portanto, ao contrário de O GLOBO que na matéria sobre a data, procurou ressaltar que o Dia da Baixada seria comemorado “apesar de a governadora ter decretado luto no dia 30 de abril, pela chacina ocorrida em março na Baixada Fluminense”¹²⁹, em O DIA a “Baixada está em festa”, independente de qualquer acontecimento anterior.

Isso demonstra que em O DIA, embora as matérias policiais ganhem muito mais destaque do que em O GLOBO, a Baixada ganhou representações menos estigmatizadas

¹²⁷ Os assuntos foram divulgados, respectivamente, nas seguintes matérias: “Vereador que taxava assessor é afastado”, publicada em 06/04; “Decadência”, publicada em 3 de abril; e “Assistência”, publicada em 14 de abril de 2005.

¹²⁸ O DIA NA BAIXADA. “Baixada festeja seus 438 anos”. 24 de abril de 2005

¹²⁹ O GLOBO - BAIXADA. “Dia da Baixada é comemorado com festas”. 24 de abril de 2005

e o apelo à violência na região foi menor. No próximo tópico veremos como a Baixada foi representada na cobertura do JORNAL DE HOJE.

Jornal de Hoje, 05 de abril de 2005, terça-feira.

“Lindberg pede Força de Segurança para Baixada”

A análise da cobertura da chacina no JORNAL DE HOJE começa com esta edição, segunda publicação após o acontecimento (é importante lembrar que o jornal circula apenas de terça a sábado na região). Não foi possível recuperar, na redação do jornal, a edição de 2 de abril, sábado.

A manchete da edição de 5 de abril impressiona pela importância oferecida a ação do prefeito de Nova Iguaçu, reforçando a orientação política do JORNAL DE HOJE, explicada no início deste capítulo. A referência às ações do prefeito em relação à chacina também são tema da matéria “Local da chacina será centro social”, publicada na mesma edição e ilustrada com uma foto do prefeito. No primeiro parágrafo deste texto já é possível verificar o destaque maior à política do que ao acontecimento:

O prefeito Lindberg Farias (PT) reservou a manhã de ontem para visitar as instalações do Bar Caíque, na Rua Gama, Posse, onde nove pessoas foram vítimas do massacre que resultou em 30 mortes e chocou o país na última quinta-feira¹³⁰

As marcas de sensacionalismo também foram muito expressivas nos textos sobre a chacina publicados no JORNAL DE HOJE. Na primeira página da edição de 9 de abril, por exemplo, foi publicada a manchete “Chacina deixa trauma e pânico entre moradores”. A matéria referente à manchete trazia o seguinte trecho:

Em alguns pontos não é necessário nem anoitecer, o toque de recolher começa ainda no final da tarde, quando ruas ficam desertas deixando ainda mais sinistro o clima de medo que impera em Nova Iguaçu e Queimados, locais escolhidos pelos marginais autores da maior chacina que se tem notícia no Rio de Janeiro. O rastro de sangue que fez 30 vítimas fatais nas duas cidades não trouxe apenas lágrimas, dor, revolta e indignação, ele mudou os hábitos dos moradores e já surtiu reflexos negativos no comércio e até mesmo no mercado imobiliário (...)¹³¹

¹³⁰ JORNAL DE HOJE. “Local da Chacina será centro social”. 05 de abril de 2005. VER ANEXO 7.10

¹³¹ JORNAL DE HOJE. “O trauma da violência”, 09 de abril de 2005. VER ANEXO 7.11

Embora não tenha ampliado esse sentimento de medo para todos os moradores da Baixada Fluminense (como fez O GLOBO, por exemplo), o jornal iguaçuano usa um discurso apelativo para explicar esse medo que beira ao exagero. Composições textuais como essa ajudam a reafirmar os estigmas sobre a Baixada Fluminense, caracterizando-a como a região do medo constante.

Por outro lado, o JORNAL DE HOJE não divulgou a chacina de forma insistente, como ocorreu em outros jornais. O assassinato dos 29 inocentes deixou de ser noticiada em algumas edições do mês de abril¹³², sendo substituída por outros acontecimentos expressivos. Isso denota, portanto, que a chacina não era o único acontecimento da Baixada naquele período e que existia um certo exagero dos grandes jornais em publicar notas sucessivas sobre o assunto.

Explicar a Baixada a partir de dados sócio-econômicos também não foi uma estratégia usada no JORNAL DE HOJE nas matérias sobre a chacina. Assim como ocorre em O DIA, descrever para o leitor o que é e como é aquela região seria uma redundância. Além disso, as próprias matérias que acompanhavam as notícias sobre a chacina funcionavam como elementos descritivos dos problemas, dos eventos e das novidades na região. Durante o período analisado, encontramos matérias sobre, por exemplo, a falta de água em Nova Iguaçu, um projeto de revitalização urbanística na região e os preparativos para o “Dia da Baixada”¹³³. (VER ANEXO 7.12)

O JORNAL DE HOJE também publicou no mês de abril uma matéria que evidencia a representação negativa que a mídia divulga da Baixada Fluminense e que é considerada como realidade absoluta por quem não conhece um pouco da região. A matéria é “Cineasta paulista roda filme sobre o cotidiano da Baixada” (ANEXO 7.13) e o assunto é um documentário filmado pelo diretor Kiko Goifman em Nova Iguaçu e Queimados. Mas o que impressiona é o depoimento de Kiko, descrito abaixo na íntegra:

Íamos fazer um filme em maio tratando de cinco chacinas, quando ocorreu a tragédia da Baixada. Relutei durante uma semana até decidir vir. Realmente, na chegada tinha a intenção de fazer algo que fosse mais específico da chacina. A primeira coisa que eu percebi é

¹³² Como exemplo, podemos citar as edições dos dias 19 e 20 de abril quando as manchetes eram, respectivamente, “Aluna da Unig resgatada de seqüestro-relâmpago” e “Meriti: vereadores pedem segurança contra ameaças”.

¹³³ Respectivamente o texto faz referência as seguintes matérias: “Falta d’água dura mais de 10 dias em NI” publicada em 13/04; “Projeto Centro das Cores vai mudar visual de Nova Iguaçu”, publicada em 15/04; e “Baixada prepara festa para comemorar sábado 438 anos”, publicada em 26 de abril.

que não entendia nada de Nova Iguaçu, Queimados e Baixada. A gente não tinha a menor referência do que era esse lugar e não fazia sentido tratar da chacina deslocado de um contexto. Então, começamos a conhecer a cidade, e nos interessamos pelas coisas daqui. A violência será um dos pontos abordados, mas não o único. Não temos a intenção de mostrar o sensacionalismo e sim o lado humano.¹³⁴

Não por acaso é a afirmação de Kiko que encerra este capítulo e este projeto. O trabalho do documentarista, em analisar, pesquisar, conhecer melhor a região e suas singularidades é o que falta aos jornais. Afinal, os estereótipos que vigoram na mídia sobre a Baixada Fluminense remetem a décadas muito distantes e precisam ser revistos assim como fez Kiko e sua equipe.

¹³⁴ JORNAL DE HOJE. “Cineasta paulista roda filme sobre o cotidiano da Baixada”. 23 de abril de 2005.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos demonstrar que a Baixada Fluminense recebe um tratamento negativo na mídia, sendo caracterizada como espaço da violência, pobreza e segregação cultural. Nas análises das matérias impressas produzidas em abril de 2005 nos jornais O GLOBO, O DIA e JORNAL DE HOJE trouxemos indícios claros que comprovam que a representação sobre a região está carregada de estereótipos e senso comum que foram constituídos ao longo dos últimos 50 anos.

Ressaltamos, por outro lado, que existem outros pontos de vista sobre a Baixada Fluminense, ainda pouco abordados pela mídia. O crescimento econômico, os movimentos de expressão cultural e a participação no esporte foram alguns exemplos que apresentamos para constatar que representar a região de forma mais positiva na mídia não é tarefa impossível.

Percebemos também que o tratamento estigmatizado que a Baixada recebe varia de acordo com o segmento ao qual a mídia alcança e suas orientações editoriais. Encontramos em O GLOBO, por exemplo, discursos muito mais pejorativos e carregados de desconhecimento sobre a região, do que nos outros dois jornais analisados (O DIA e JORNAL DE HOJE). No entanto, em todas esses impressos ainda é a violência que recebe maior destaque nas pautas sobre a região. Já as soluções para combater essa violência, como o documento “Impunidade na Baixada”, não são destacadas nos jornais, o que demonstra o escasso interesse da mídia em agenciar políticas públicas para a região.

Tudo o que foi proposto ao longo do trabalho denota, portanto, que a Baixada Fluminense precisa de uma representação diferenciada na mídia, que não ressalte apenas os problemas estruturais da região. É necessário que a mídia repense a Baixada sobre um novo ângulo, que tente traduzir a realidade sem excessos.

Por fim, é importante salientar que as observações deste trabalho não são estáticas. Propostas como o “RJ na Baixada” (programa recente da Tv Globo) podem trazer análises mais participativas da realidade na Baixada. Mas isso, deixaremos para o campo especulativo. Por isso esse trabalho não se esgota aqui e meu plano, a curto prazo, é ampliar esse estudo e ir mais fundo nessa investigação, analisando, inclusive, quais outros acontecimentos foram e são definidores para a lembrança da Baixada na mídia. Sobre a região, assuntos que inspirem novas análises não faltam.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos, dissertações e teses

ALVES, José Cláudio Souza. **Baixada Fluminense: a violência na construção do poder**. Tese de doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2003. 175p.

BRASILIANSE, Danielle Ramos. **As tessituras do enredo e as construções narrativas do jornal *O Globo* sobre o caso “Chacina da Candelária”**. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

CESEC e FASE (org.) **Impunidade na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro, 2005.

DINIZ, Betina Peppe e ENNE, Ana Lucia. **O ‘Caso Mão Branca’ na imprensa do Rio de Janeiro: narrativa jornalística, ficção e o fluxo do sensacional**. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

ENNE, Ana Lucia. **Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidade na Baixada Fluminense**. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

GEERTZ, Clifford. “O senso comum como um sistema cultural” In: **O Saber Local: novos ensaios em antropologia comparativa**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

LANÇA, Isabel Babo. **A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública**. In: Revista Trajectos. Lisboa: ISTCE e Editorial Notícias, número 6, 2005.

PAIVA, Raquel. **A Estratégia Comunicacional Contra a Memória Hegemônica e o Senso Comum Midiático**. Rio Grande do Sul, Intercom, 2004.

PAIVA, Raquel e SODRE, Muniz. “Sobre o facto e o acontecimento”. In: **Revista Trajectos**. Lisboa: ISTCE e Editorial Notícias, número 6, 2005.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo, Hacker Editores, 2002.

QUÉRÉ, Louis. “Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento”. In: **Revista Trajectos**. Lisboa: ISTCE e Editorial Notícias, número 6, 2005.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História do Rio de Janeiro dos anos 50**. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “Delimitação, Natureza e Funções do Discurso Midiático”. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**. Brasília, Ed. Unb, 2002

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Nuno Fonseca. Lisboa, Ed. Presença, 1992.

SANTIAGO, Jairo. **Mídia, Tráfico e Violência** - Do comércio à imagem. Tese de doutorado em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004

SANTOS, José Manuel. “Da perca do mundo á sociedade dos (mega)acontecimentos”. In: **Revista Trajectos**. Lisboa: ISTCE e Editorial Notícias, número 6, 2005.

SOUZA, Marlúcia Santos de. “Imagens da cidade de Duque de Caxias”. **Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC**, setembro de 2000, nº 2.

SOUZA, Percival. **A Maior Violência do Mundo: Baixada Fluminense**. São Paulo, Traço Ed., 1980.

Jornais impressos e telejornais

JORNAL DE HOJE. **Lindberg pede Força de Segurança para Baixada**. Rio de Janeiro, 05 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Local da chacina será centro social**. Rio de Janeiro, 05 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **O trauma da violência**. Rio de Janeiro, 9 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Projeto Centro das Cores vai mudar visual de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro, 15 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Aluna da Unig resgatada de seqüestro-relâmpago.** Rio de Janeiro, 19 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Meriti: vereadores pedem segurança contra ameaças.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Cineasta paulista roda filme sobre o cotidiano da Baixada.** Rio de Janeiro, 23 de abril de 2005.

JORNAL DE HOJE. **Baixada prepara festa para comemorar sábado 438 anos.** Rio de Janeiro, 26 de abril de 2005.

O DIA. **São 30 mortos.** Rio de Janeiro, 02 de abril de 2005.

O DIA. **Batalhões da PM ficam de prontidão.** Rio de Janeiro, 02 de abril de 2005.

O DIA. **Rastro de mortes na Baixada.** Rio de Janeiro, 06 de abril de 2005.

O DIA. **Ação marcada pela crueldade.** Rio de Janeiro, 07 de abril de 2005.

O DIA. **Sonhos partidos a bala.** Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

O DIA. **Estatísticas mostram que há quase 100 mortes suspeitas a cada mês envolvendo PMs.** Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

O DIA NA BAIXADA. **Baixada festeja seus 438 anos.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 2005.

O GLOBO. **Coluna do Ancelmo Góis.** Rio de Janeiro, novembro de 2004.

O GLOBO. **Investigação reforça ação de PMs em chacina da Baixada.** Rio de Janeiro, 02 de abril de 2005.

O GLOBO. **Anistia enviará à ONU pedido de ajuda e relatório sobre mortes.** Rio de Janeiro, 06 de abril de 2005.

O GLOBO – OPINIÃO. **A Baixada é aqui.** Rio de Janeiro, 07 de abril de 2005.

O GLOBO. **Suspeitas cada vez mais fortes.** Rio de Janeiro, 09 de abril de 2005.

O GLOBO. **Sinônimo de quadrilha, o ‘Comando Azul’ agora está no banco dos réus”.** Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

O GLOBO – BAIXADA. **Medo cria novos hábitos.** Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

O GLOBO. **Ação Federal na Baixada.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 2005.

O GLOBO – BAIXADA. **Crimes sem castigo na Baixada.** Rio de Janeiro, 17 de abril de 2005.

O GLOBO - BAIXADA. **Dia da Baixada é comemorado com festas.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 2005.

O GLOBO – OPINIÃO. **E a Baixada fica com quem?**. Lindberg Farias. Rio de Janeiro, 05 de maio de 2005.

O GLOBO. **Carona para o abandono.** Rio de Janeiro, 10 de julho de 2005.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Rio de Janeiro, 08 de abril de 2005.

TV GLOBO. Programa Fantástico. “Vias sem lei”. Rio de Janeiro, 10 de julho de 2005.

Sites

Agência Carta Maior, <<http://agenciartamajor.uol.com.br>>. Acesso em 05/10/2005.

Human Rights Watch/Americas (Divisão das Américas), <www.hrw.org>. Acesso em 27/10/2005.

New York Times, <www.nytimes.com>. Acesso em 02/04/2005.

Observatório da Imprensa, <www.observatoriodaimprensa.com.br> . Acesso em 5/10/2005.

Site oficial do shopping Grande Rio, <www.granderio.com.br>. Acesso em 03/10/2005.

Site oficial da casa de eventos Via Show, <www.viashow.com.br> . Acesso em 29/09/2005.

Turis Baixada, <www.turisbaixada.com.br>. Acesso em 20/10/2005.

7. ANEXOS

7.1 Matérias sobre a chacina de 31 de março nas primeiras páginas de jornais brasileiros.

Manchetes sobre o acontecimento estão em destaque.

DIÁRIO DO NORDESTE/ CE



FOLHA DE SÃO PAULO/ SP



JORNAL DO BRASIL/ RJ



O DIA / RJ



7.1 Matérias sobre a chacina de 31 de março nas primeiras páginas de jornais brasileiros.

Manchetes sobre o acontecimento estão em destaque.

O ESTADO DE SÃO PAULO



O GLOBO



7.3 O GLOBO. “A matança invisível no dia-a-dia da Baixada”. Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

CHACINA DA BAIXADA: Em alguns municípios, a taxa de homicídios chega a 80 para cada cem mil habitantes

A matança invisível no dia-a-dia da Baixada

As 30 mortes ocorridas de uma só vez em Queimados e Nova Iguaçu se repetem a cada dez dias na região

Fábio Vasconcelos

■ O assassinato de 30 pessoas na Baixada Fluminense, que tanto impressionou autoridades e a população do Rio, foi apenas mais um capítulo de uma triste história que se repete há anos naquela região. Um levantamento feito pelo GLOBO, com base em dados da Secretaria de Segurança, revela que a cada dez dias do ano passado 30 pessoas foram vítimas de homicídios nas

áreas dos dois batalhões de polícia responsáveis por Queimados, Nova Iguaçu e mais sete localidades na Baixada.

A média foi de 92 assassinatos por mês num total de 1.167 casos. Quase metade dessas mortes (559) foi registrada somente nas delegacias de Queimados e Nova Iguaçu. Lá a média foi de 15 homicídios a cada dez dias. Em novembro de 2004, por exemplo, 61 pessoas foram mortas nas duas cidades, um número que superou a média

de todos outros meses (66,3 assassinatos). Outubro foi o período com menor número de registros: 36. Mas não são apenas os dados sobre as mortes que chamam a atenção.

Índice de Desenvolvimento fica abaixo da média

Em Queimados e Nova Iguaçu, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pela ONU, é menor que a média do estado. Enquanto no estado o IDH evoluiu de 0,753 pa-

ra 0,811 (quanto mais próximo de 1, melhor), entre 1991 e 2000, em Queimados, passou de 0,641 para 0,752. O IDH-educacional também está abaixo da média no estado (0,902). Em Queimados chegou a 0,865 em 2000, e em Nova Iguaçu, 0,884. Para especialistas, esses números, aliados aos índices de criminalidade, revelam anos de políticas equivocadas tanto na área social quanto no combate à violência.

O sociólogo Ignácio Cano,

do Laboratório de Análise da Violência da Uerj, observa que os dados levantados pelo GLOBO revelam um dia-a-dia violento para os moradores da Baixada Fluminense e mostra também como a população do Rio se acostumou a olhar para essa região apenas quando acontecem fatos graves, como a chacina do dia 31 de março. Cano ressalta que os números de homicídios na Baixada se mantêm altos há vários anos: — Infelizmente no Rio aten-

tamos para a violência de maneira cíclica e não olhamos números de mortes do passado. Essas mortes são corriqueiras na Baixada. Tem municípios na Região Metropolitana em que a relação homicídios chega a 80 casos por cada cem mil habitantes. Isso é altíssimo se comparado com outros países. Temos que fazer desse fato um caso emblemático e passar a olhar das autoridades a redução da criminalidade na Baixada. ■

7.4 O GLOBO – OPINIÃO. “E a Baixada fica com quem”. Autor: Lindberg Farias. Rio de Janeiro, 5 de maio de 2005.

TEMA EM DEBATE: A volta da Guanabara

E a Baixada, fica com quem?

LINDBERG FARIAS

O debate em torno da desfu-
são do Estado do Rio me
lembra as propostas pre-
conceituosas que parte da
elite carioca chegou a manifestar, no
início da década de 90, por ocasião
dos primeiros arrastões registrados
na Praia de Ipanema, ainda no gover-
no Brizola: “Fechem o Túnel Rebou-
ças nos fins de semana”, pediam, em
coro, implorando pela importação
do *apartheid* que, naquela época,
reia na África do Sul.

E, paralisado recém-chegado aos
mares do Sul, impressionava-me
mais com a reação de parte da elite
do que com os arrastões em si. Fe-
lizmente, o bom senso impediu que
a proposta fosse levada a sério, mas
o desejo de se erguer muros de pro-
teção, tão antigo quanto a humani-
dade, nunca deixou de existir.

Hoje, quando assisto a esse debate
fabricado pelas elites cariocas pedin-
do a desfução do Tódo do Rio, pare-
ce que estou ouvindo novamente
aquelas vozes clamando, implorando
pelo fechamento do túnel, pela cons-
trução de muros, qualquer coisa que
impedisse a “invasão” das suas praias.
Com um adicional: dessa vez, se con-
sumada a separação, a capital teria a
suprema chance de enviar para o “res-
to do estado” tudo que hoje há de
ruim no Rio de Janeiro: a PM corrupta,
o casal Garotinho, o Cedeae, a Alerj, e, é
claro, a Baixada Fluminense. Uma elite
que não se importa em ter uma empre-
gada doméstica que more em Nova
Iguaçu, mas que não admite que o di-
nheiro de seus impostos sirva para sa-
near a rua distante onde ela mora.

Se as vozes que defendem hoje a
desfução se dignassem a dar um pas-
seio pela Central do Brasil veriam o
quão distantes estão daqueles que

realmente importam: o povo, que se-
quer tomou conhecimento desse de-
bate, tamanho a sua incapacidade de
chegar até eles.

Até o sociólogo francês Alain Tou-
raine, observador distante da reali-
dade brasileira, já percebeu a arma-
dilha da desfução. Informado pelo co-
munista Merval Pereira, em seminário
em Istambul, na Turquia, sobre a dis-
cussão que se trava por aqui em tor-
no do tema, a primeira pergunta que
ele fez ao colonista do GLOBO foi: “E
a Baixada Fluminense, fica com
quem?” Diante da explicação de que
o novo estado excluiria a Baixada,
Touraine sorriu e disse: “Se a divisão
for para se livrar da Baixada Flumi-
nense, sou contra.” Como se vê, até o
francês, a milhas de distância, está
mais atento ao povo do que as
nossas elites, talvez ceias pelos insu-
lismos dos vidros de seus carros que
as protegem dos meninos que pedem

dinheiro nos sinais de trânsito.

Os problemas relacionados à vio-
lência, à saúde e à educação não se-
rão equacionados a partir da criação
de um novo estado, que implicaria,
além de tudo, enormes custos para a
criação de uma nova Assembléia, de
um novo Tribunal de Justiça, de um
novo Tribunal de Contas. Em vez de
gastar sua preciosa energia em tor-
no dessa discussão autista, melhor
seria se essa elite política e intelec-
tual que defende a desfução direc-
cionasse seus esforços no sentido de
ajudar a fortalecer os consórcios
metropolitanos já existentes, como
o de Saúde e de Educação, na busca
de soluções de problemas que não
pertencem a uma parte do Rio, mas
a todos os fluminenses.

LINDBERG FARIAS é professor de Nova Iguaçu
e presidente da Associação de Profissionais da
Baixada.

7.5 O GLOBO “Sinônimo de quadrilha, o ‘Comando Azul’ agora está no banco dos réus”.

Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

O trecho destacado no capítulo 4.2 deste trabalho está em amarelo.

Sinônimo de quadrilha, o ‘Comando Azul’ agora está no banco dos réus

PMs respondem a processos por homicídio, tráfico, roubo e seqüestro

NOVIDADE??
Elenice Bottari

• A chacina de 30 pessoas na Baixada Fluminense disparou o alarme sobre o envolvimento de policiais com o crime. O que já foi chamado de “Comando Azul” como símbolo do poder do estado no enfrentamento ao crime organizado virou sinônimo de quadrilha. De janeiro de 2003 a setembro de 2004, foram instaurados 637 inquéritos contra policiais militares, segundo dados da Corregedoria da PM. Dos 1.090 processos em tramitação na Auditoria Militar do Rio, 185 tratam de policiais acusados de roubo e outros 70 são contra PMs envolvidos em seqüestro.

Segundo a Ouvidoria de Polícia, o envolvimento de PMs em grupos de extermínio já ocupa a 9ª posição entre os delitos mais praticados, com 101 denúncias. Para tentar expurgar criminosos da corporação, a Secretaria de Segurança deflagrou a Operação Navalha na Carne, que prendeu nos últimos três meses 35 policiais envolvidos em roubos, homicídios e tráfico.

O mau policial não atinge só a corporação, atinge a toda sociedade. Por isso que neste momento é muito importante a participação da população, através de denúncias. Aliás, esta participação vem crescendo — afirmou o coronel João Carlos Ferreira.

Sociólogo culpa política de clientelismo

Para o sociólogo Orlando Santos Júnior, diretor da ONG Fase — Solidariedade e Educação, que atua na Baixada Fluminense, a política de clientelismo tão presente na região acaba propiciando a atuação de grupos de extermínio formados por policiais. Eles são contratados por políticos e comerciantes locais para acabar com assaltos e furtos.

— A segregação social territorial que existe na Baixada Fluminense está chegando ao limite. Não é mais possível pensar isoladamente na Baixada. Lá moram 3,5 milhões de pessoas e a inexistência de direitos e a violência estão transformando a região em um palot de pólvora — afirmou Orlando Santos Júnior.

Para o deputado Carlos Minc, autor da lei que criou a Ouvidoria de Polícia, a segurança pública do Rio precisa ser reformada com urgência:

— A PM está contaminada e o estado vem tratando câncer com aspirina. Urge uma profunda reforma da polícia. Hoje os policiais ganham mal, são tratados como pitbulls e têm que apresentar resultados. Eles são treinados para matar e, como esta é a única coisa que aprendem a fazer, eles matam para agradar a seus superiores e também matam quando querem protestar, porque não têm outra forma de se expressar.

O deputado apontou também a impunidade como uma das principais razões para o aumento da criminalidade policial:

— O regulamento interno é tão absurdo que pune policiais por motivos fúteis, como um corte de cabelo, enquanto que, para mostrar serviço, o comandante manda a tropa botar para quebrar. Os autos de resistência funcionam como doses homeopáticas de extermínio. Essa política transforma policiais em matadores de aluguel oficiais — diz o deputado Carlos Minc.

A Operação Rocinha, realizada em conjunto pela Polinter, pela 15ª DP (Gávea) e pela Corregedoria de Polícia Militar levou à prisão sete policiais militares, entre eles um capitão. Informações encaminhadas ao Dinque-Denúncia mostram que em várias favelas do Rio o “Comando Azul” é visto como o braço legal do tráfico. Nos últimos meses, foram vários os flagrantes de envolvimento de policiais em crimes no Rio. Em dezembro de 2004, durante a Operação Cavalo de Aço, para combater o roubo de cargas em cinco estados, 36 pessoas foram presas pela Polícia Federal, entre elas três policiais militares e dois policiais civis do Rio.

O segundo-sargento Carlos Alberto Gomes Teixeira, do 23º BPM (Leblon), que foi preso em fevereiro com outros três colegas de farda, todos acusados de envolvimento com traficantes da Favela da Rocinha, também responde na 31ª Vara Criminal do Rio por roubo. Ele foi indiciado por ter participado no ano passado de um assalto a uma casa na Barra da Tijuca. ■

Conheça os números

Os delitos praticados por policiais, segundo a Ouvidoria

Extorsão/Concussão	965
Abuso de Autoridade	703
Ameaça	526
Prevaricação	436
Agravo	395
Corrupção passiva	297
Homicídio cometido	217
Tentativa de homicídio	162
Participação em grupo de extermínio	101
Espionagem/Tortura	68
Falsificação de documento	66
Quadrilha/Bando	63
Tráfico de drogas	63
Roubo ao furto	50
Agravação	43

Estatística da Auditoria Militar

Número de processos em tramitação: **1.090**

Outros	14,03%
Extorsão Mediante Seqüestro	6,96%
Corrupção passiva	14,28%
Extorsão	15,23%
Roubo	17%
Concussão	32,8%

7.6 O GLOBO – OPINIÃO. “A Baixada é aqui”. Rio de Janeiro, 07 de abril de 2005.

Quinta-feira, 7 de abril de 2005

CHACINA DA BAIXADA:

OPINIÃO

A BAIXADA É AQUI

• A CHACINA que aconteceu na Baixada serviu para denunciar o grave estágio de infiltração por criminosos em que se encontra a polícia fluminense.

POR SINAL, ela foi executada como um recado macabro da banda podre da polícia à cúpula da Secretaria de Segurança, por ela ter decidido dar prioridade ao combate à bandidagem fardada.

E NÃO serve de atenuante o massacre ter ocorrido fora do Rio. O carioca, mesmo dos bairros de classes abastadas, não se deve enganar — se é que algum ainda se engana.

TODOS CORREM risco quando grupos de bandidos agem dentro da polícia. Caso exemplar é o atentado contra um sargento da PM cometido em Jacarepaguá por um grupo de extermínio formado por colegas de farda, segundo denúncias.

A MILÍCIA age nas favelas do Recreio e da Barra da Tijuca. Bairros cuja imagem e localização nada fazem lembrar a Baixada Fluminense.

NÃO FAZIAM, pois agora têm um ponto em comum.

7.7 O GLOBO. “Impunidade”. Rio de Janeiro, 17 de abril de 2005.

Impunidade

Baixada tem proporcionalmente mais mortes e menos denúncias de homicídio

Dirceu Arcoverde

Em novembro do ano passado, quatro meses antes da chacina que vitimou 29 pessoas, um cidadão foi encontrado morto num dos 12 municípios da Baixada Fluminense. Ele tinha um nome, uma família, uma história, mas passou a ser uma estatística. Era o cidadão de número 30 mil assassinado na região desde 1995, média de cinco por dia. Se o crime é quase rotineiro, o castigo está distante. Segundo números do Tribunal de Justiça, a região teve em 2004 o menor número de homicídios denunciados, ou seja, casos em que as polícias e o Ministério Público conseguiram provas suficientes para levar os acusados a julgamento.

A falta de denúncias está levando as varas criminais da região à ociosidade, segundo a juíza Sulmi Cavallieri, assessora da presidente do Tribunal de Justiça (TJ). Em Mesquita, por exemplo, o TJ tem a intenção de inaugurar o Fórum da cidade com apenas uma das duas varas criminais que foram estabelecidas em lei. Por falta de inquéritos criminais a julgar, a outra seria transformada em um juízo especial.

Numa pesquisa nas 16 varas criminais do estado que julgam homicídios (quase que exclusivamente), as três da Baixada (São João de Meriti, Duque de Caxias e Nova Iguaçu)



A LAWDEIRA Jacota, de 66 anos, que teve dois dos cinco filhos e um genro assassinados nos últimos dez anos, reza numa igreja em Cabuçu, bairro de Nova Iguaçu

7.8 O GLOBO - BAIXADA. “Medo cria novos hábitos”. Rio de Janeiro, 10 de abril de 2005.

BAIXADA • O GLOBO • 10 DE ABRIL DE 2005 | 1

Violência assusta moradores da Baixada Fluminense, que mudam a rotina evitando se expor a perigos em ruas vazias à noite

S

Por Cassio Bruno e Tatiana Furtado
cassio.bruno@oglobo.com.br e tatiana.furtado@oglobo.com.br

O medo da violência, que na Baixada Fluminense culminou, há dez dias, na maior chacina do estado, com 30 vítimas, algumas delas crianças, fez com que moradores da região mudassem sua rotina. Desde evitar ruas desertas à noite a fazer caminhos diferentes na volta para a casa, a população tem se resguardado em seus lares. No entanto, cuidados e preocupações já ocupavam as vidas de pessoas que estudam ou trabalham em locais distantes de suas moradias e voltam à noite. Entre eles, avisar a familiares o horário da chegada e pegar ônibus em lugares alternativos. A preocupação também é vivenciada diariamente por pais aflitos, que aguardam o retorno de seus filhos nos portões de suas casas e rezam por sua segurança.

• A estudante Roberta Besse, de 22 anos, moradora do bairro Vila Americana, em Queimados, um dos municípios onde ocorreram os crimes, é um exemplo. Ela faz faculdade em Belford Roxo, de onde sai às 22h e chega em casa por volta das 23h30m. No entanto, depois do que aconteceu, apenas num dia Roberta, ainda assustada com o episódio, retornou sozinha e mesmo assim mudou o percurso, além de ter saído mais cedo da aula.

— Tenho que pegar dois ônibus para ir embora. No caso de um deles, o ponto fica num dos bairros onde as pessoas foram assassinadas. Agora, demoro mais para chegar em casa e ainda gasto mais em passagem. Mas acho mais seguro — conta a estudante, enfatizando que a praça e a quadra próximas a sua casa, antes movimentadas durante à noite, andam vazias.

A família também está amedrontada. Roberta diz que a preocupação de sua mãe Jorge Besse, de 50 anos, aumentou ainda mais.

saber onde estou e a que horas vou chegar. Qualquer demora a deixa muito assustada — afirma.

Moradora do bairro Califórnia, em Nova Iguaçu, a outra cidade afetada pela chacina, a dona de casa Sonia Maria de Assis Peres Silva, de 50 anos, compartilha da aflição de Jorge. Ano passado, quando a filha trabalhava no Jardim Botânico e voltava por volta das 21h30m de ônibus, o pai sempre ia esperá-la no ponto.

— Aos domingos, vou à igreja e sempre peço proteção a Nossa Senhora e a São Judas Tadeu para os meus três filhos — diz Sonia, que agora evita sair de carro à noite.

Para ela, a violência não é restrita à Baixada e atinge todo o estado. A dona de casa conta que nunca foi assaltada onde mora e considera o bairro tranquilo se comparado a outros.

— O perigo maior está nos bairros periféricos. No entanto, ficamos receosos — diz.

“UM DOS MENINOS MORTOS QUERIA SER POLICIAL”, na página 16

“Meu filho só me dava alegria”

MARIA HELENA SOARES CARLOS
Mãe de Felipe, morto na chacina

“Foi uma covardia o que fizeram”

VERA MARIA RODRIGUES ALVES
Mãe de Marco Aurélio, outra vítima da chacina

“De 1984 a 1998, foram 25 mil execuções”

JOSÉ CLÁUDIO SOUZA ALVES
Sociólogo e pesquisador

7.9 O GLOBO - BAIXADA. “Dia da Baixada é comemorado com festas”. Rio de Janeiro, 24 de abril de 2005.

O GLOBO. Nota sobre o “Dia da Baixada”. Rio de Janeiro, 30 de abril de 2005.

• DIA DA BAIXADA

O Dia da Baixada Fluminense será comemorado hoje com uma série de eventos no Shopping Grande Rio, em São João de Meriti. A programação, elaborada em parceria com o município, inclui apresentações da banda da PM e de números de sapateado, peça de teatro, exposições de artes plásticas e de fotos sobre a região e um recital de poesias. O Dia da Baixada foi criado em 9 de dezembro de 2000, por iniciativa do Fórum da Comunidade Cultural da Baixada.

Dia da Baixada é comemorado com festas

Municípios organizam extensa programação cultural para celebrar a data, no próximo sábado

Por Tatiana Furtado
tatiana.furtado@oglobo.com.br

• Apesar de a governadora Rosinha Garotinho ter decretado luto no dia 30 de abril, pela chacina ocorrida em março na Baixada Fluminense, a data celebra o Dia da Baixada, há cinco anos, e será comemorada com festa nos municípios.

De acordo com o professor Paulo Mainhard, um dos coordenadores do Fórum Cultural Permanente da Baixada, o objetivo é justamente estimular a auto-estima da população local e promover uma imagem mais positiva da região.

Com cerca de 3,5 milhões de habitantes e 3.800 quilômetros quadrados, as 12 cidades representam 5,5% do Estado do Rio de Janeiro. Segundo o presidente do Instituto de Pesquisas Históricas da Baixada (Ipahb), Gênesis Torres, o desenvolvimento da região teve início na segunda metade do século XIX, quando foi inaugurada a primeira estrada de ferro do Brasil, em Magé.

— Com a estação, a população migrou para as margens da ferrovia, que se tornou o principal acesso ao Rio de Janeiro. A partir daí foram surgindo os distritos. E foi justamente no dia 30 de abril de 1854 que a estação de Magé foi inaugurada — explica.

Entre os destaques da programação está a “Exposição da Baixada”, no Centro Cultural Meritiense, em Vilar dos Teles. Ela conta, por meio de fotografias, quadros e objetos, a história da região. Outra novidade é o lançamento, dia 30, do site “Turisbaixada” com dicas de turismo para os visitantes. Em maio, haverá a entrega do Prêmio Baixada 2005, no Teatro de Queimados.

‘CONFIRA A PROGRAMAÇÃO’, na página 7

✉ Você quer comentar o assunto?
Então escreva para falabaixada@oglobo.com.br

7.10 JORNAL DE HOJE. “Local da Chacina será centro social”. Rio de Janeiro, 05 de abril de 2005.

Terça-feira, 05/04/2005 **BAIXADA / POLÍTICA** **Jornal de Hoje - 3**

Local da chacina será centro social

Foto: Mônica Mello

Cena Paga

O prefeito Lindberg Farias (PT) reservou a manhã de ontem para visitar as instalações do Bar Cuique, na Rua Gama, Posse, onde nove pessoas foram vítimas do massacre que resultou em 30 mortos e chocou o país na última quinta-feira. O objetivo da visita é criar no local da tragédia um centro social para atender jovens daquela comunidade. “Hoje (ontem) vamos discutir com os moradores uma série de ações para transformar este bar em um telecentro e também um santuário”, afirmou Lindberg. Pelo telefone, o prefeito pediu ao secretário de Segurança Pública do Rio, Marcelo Laginha, mais segurança para a localidade e ainda abertura para um processo de indenização às famílias das vítimas.

“Nós estamos querendo pedir indenização do Estado para estas famílias. Houve participação de policiais militares nesta chacina. Nós atuamos que o Estado tem que indenizar-las. Também vou pedir pelo menos duas vítimas para fazer a segurança do local. O

trapa do cine”, disse.

De acordo com a secretária de Promoção Social de Nova Iguaçu, Maria Antônia, o local, onde atualmente funciona o bar, dentro de 15 a 20 dias será uma biblioteca. Com 10 computadores ligados à Internet, salas para atendimento infantil e uma outra que servirá de biblioteca com espaço para estudos.

O dono do bar e marido de Elizabeth Soares de Oliveira, uma das vítimas da chacina, Carlos Henrique Paulino de Assis, 48 anos, acha a iniciativa da prefeitura uma excelente ideia. “É muito boa esta iniciativa. O bar não pode ficar desativado sem que dar movimento. Este centro social vai ser bom para a população daqui”, ressaltou.

Ele contou que escapou da morte por alguns minutos. “Eu estei para comprar carne e quando voltei já tinha acontecido toda a tragédia. Se eu estivesse morando em Vila de Cava minha mulher ainda estaria viva. Não tenho mais condições de atuar aqui”, disse.

Prefeito Lindberg Farias conversou com moradores e prometeu transformar o local da tragédia em um telecentro e santuário

7.11 JORNAL DE HOJE. “O trauma da violência”. Rio de Janeiro, 09 de abril de 2005.

Jornal de Hoje **BAIXADA** **Sábado, 09 e Domingo 10/04/2005**

O trauma da violência

Rastro de sangue deixado em bairros de Nova Iguaçu e Queimados fez população mudar de hábitos, prejudicou comércio e mercado imobiliário

Foto: Mônica Mello

Lacina Mello

Em alguns pontos não é necessário nem amoneter, o toque de recolher começa ainda ao final da tarde, quando as ruas ficam desertas deixando ainda mais sinistral a última de medo que impera em Nova Iguaçu e Queimados, locais escolhidos pelos militares autores da maior chacina que se tem notícia no Rio de Janeiro. O rastro de sangue que fez 30 vítimas fatais nas duas cidades não trouxe apenas lágrimas, dor, revolta e indignação, ele mudou os hábitos dos moradores e já surtiu reflexos negativos no comércio e até no mercado imobiliário que arregaça guarda de pelo menos 40%, segundo cálculos dos donos das imobiliárias que administram casas para vender e alugar na Rua Gama, na Posse, onde nove pessoas foram assassinadas no Bar Cuique.

Muito que procurar o nome de Baixada imediatamente, a

ção das investigações que se tem a cada dia o envolvimento de mais policiais militares, confirma que o pior a fazer é manter o silêncio e falar pouco sobre o caso. A patrulha da Polícia Militar que marca ponto no local diariamente, muitas vezes o ritmo ainda mais pesado. “Nós não sabemos o que esses policiais colocam aqui para proteger. As crianças ficam apavoradas só de ver o carro da polícia”, disse moradores da Rua Helton mostrando que quem de proteger criou mais para população.

No Colégio Estadual Leão, em frente a 58ª DP, os alunos do ensino médio também mudaram. “Nós estamos de volta em casa, mas não há mais o mesmo clima de 1º de Janeiro. Muitos alunos mudaram a situação de estudar e o ritmo de falar. Muitos mudaram a

7.12 JORNAL DE HOJE. "Baixada prepara festa para comemorar sábado 438 anos". Rio de Janeiro, 26 de abril de 2005.

Cultura

Baixada prepara festa para comemorar sábado 438 anos

Thaise Ramos

A Baixada Fluminense completa no próximo sábado 438 anos. E para não deixar a data passar em branco, os municípios da região estão preparando uma grande programação repleta de shows, cinemas, exposições e palestras. Uma das maiores novidades, será o lançamento do site Turis Baixada, uma página inteira na internet dedicada à região. O objetivo do projeto, idealizado pelo historiador e coordenador do Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (Iphab), Gênesis Tôrres, é divulgar o turismo e concentrar o maior número possível de informações em uma só lugar.

A página entra no ar às 19h de

sábado, durante cerimônia no Complexo Cultural Kenedi Jaime de Souza Freitas, no Centro de São João de Meriti. "Será um marco na história da Baixada", afirmou Tôrres, que, ao lado de outros historiadores, montou um acervo bibliográfico sobre a Baixada Fluminense. "Nossa ideia era montar uma página informativa completa, com número de população, extensão geográfica, mapa, história, roteiro de serviços sobre as treze cidades da região, entre outros", explicou o professor.

Os internautas terão ainda informações sobre cultura, gastronomia, hospitais, hotéis e motéis, shoppings, clubes e serviços, cinemas e pousadas. "Tem muito mais. O site terá informações sobre todos os

municípios, além de telefones úteis como das prefeituras e delegacias", contou o historiador. Ao lado da página de apresentação do site, foram colocados ícones, divididos por categorias, com dados para quem quer se aventurar pela região. Dicas de passeios, casas noturnas, bares, restaurantes e lanchonetes não vão faltar.

A base para a criação da página foi o trabalho sobre a região. As informações foram agrupadas a dados específicos sobre as cidades e a um levantamento de estabelecimentos comerciais e serviços prestados. Além dos dados, o site Turis Baixada (www.turisbaixada.com.br) oferece um ícone para o site Iphab, que possui diversas pesquisas sobre o patrimônio histórico, cultural e a fundação da Baixada.

Filme e dança na programação

Nova Iguaçu - Sexta-feira, a partir das 19h, na Praça Rui Barbosa, no Centro, um grande show de samba com Jairo Bráulio dará início às festividades na região. Sábado, a partir das 18h, poetas, músicos e artistas da cidade se encontram no Espaço Cultural Sílvio Monteiro, no Centro. O evento é gratuito.

Mesquita - A comemoração será no cinema. A Sala Popular Zelito Viana vai exibir filmes rodados na Baixada. A entrada é franca e a exibição será sempre às 18h. Confira o roteiro: O Homem do Ano (hoje), Stelinha (amanhã), O homem da capa preta (quinta), Com licença, eu vou à luta (sexta) e o Amuleto de Ogum (sábado). O cinema fica na Praça Elisabeth Paixão, nº 164, Centro.

Belford Roxo - Também na sexta-feira, a Praça Eliakim Batista, no Centro, será palco da festa Todo

Dia é Dia de Baixada, com dança, exposição dos artistas plásticos Adriano Gall e Valéria Mello e shows dos grupos Etiqueta, Aculanto e Realejo. A MC Beth encerra a festa.

Queimados - A cidade vai comemorar o Dia da Baixada mais cedo. O evento Alvorada Musical, que será realizado amanhã, das 5h às 8h, dentro da Plataforma da estação de Queimados, apresenta show de Música Popular com artistas renomados da cidade. Já na sexta-feira, a cidade vai festejar através do projeto Trem das Sete, que irá acontecer na Praça Nossa Senhora da Conceição, no Centro. Às 18h30 é a vez de MPB, com Tributo a Gonzaguinha.

São João Meriti - Os festejos serão abertos com uma alvorada sinfônica, às 7h, na Praça dos Três Poderes, em Vilar dos Teles. Além de malhação na praça e palestras,

haverá atividades no Shopping Grande Rio e exposição fotográfica com 40 fotos sobre a fundação da cidade.

Duque de Caxias - O Centro Cultural Oscar Niemeyer, no Centro, abrirá, a partir das 8h, diversas exposições fotográficas, exibição de vídeos e palestras. A universidade Unigranrio também vai oferecer serviços gratuitos, como informações para o vestibular, orientações sobre alimentação, odontologia, saúde e uso de medicamentos.

Magé - A cidade realiza diversas atividades, a partir das 17h. Um culto ecumênico com o Coral Mané Garrincha, marca a abertura, na Estação Guia de Pacobaíba, em Mauá, que termina com a inauguração da placa de 150 anos da ferrovia e a apresentação de artistas locais e do grupo Distúrce.

7.13 JORNAL DE HOJE. "Cineasta paulista roda filme sobre o cotidiano da Baixada". Rio de Janeiro, 23 de abril de 2005.

BAIXADA / GERAL Jornal de Hoje - 5

Cineasta paulista roda filme sobre o cotidiano da Baixada

Cristina Papa Cláudio Júnior

Dentro do carro silêncio total, provocado pelo sentimento de solidariedade a uma mãe que perdera violentamente o seu filho. Em seguida uma piada sem graça para desconstruir. Assim foi o início da entrevista exclusiva com o cineasta paulista Kiko Golfman, que está na Baixada Fluminense filmando o seu próximo documentário. O longa-metragem, que a princípio tem o título "Ato dos Homens" (nome ainda provisório), está sendo filmado em Nova Iguaçu e Queimados. De acordo com o cineasta, no filme serão abordados, através de depoimentos de moradores da região, o cotidiano e a violência vividos no local. A previsão é de que a estreia do documentário aconteça daqui a sete meses.

O tema central do filme, segundo o Kiko, seria a violência da região, mas após uma semana de filmagens o diretor decidiu mostrar para o mundo, através das telas do cinema, personagens irreverentes e alguns trechos da história da Baixada Fluminense. A região chamou a atenção do cineasta depois do massacre do último dia 31, considerado a maior chacina do Rio de Janeiro, que terminou com o assassinato de 29 pessoas em Nova Iguaçu e Queimados. Ele, que se preparava para fazer um filme sobre violência enfocando cinco grandes chacinas do Brasil, resolveu mudar os planos e optou pela tragédia da localidade.

"Vamos fazer um filme em maio tratando de cinco chacinas, quando ocorreu a tragédia da Baixada. Relutei durante uma semana até decidir vir. Realmente, na chegada tinha a intenção de fazer algo que fosse mais específico da chacina. A primeira coisa que eu percebi é que não entendia nada de Nova Iguaçu, Queimados e Baixada. A gente não tinha a menor referência do que era esse lugar e não fazia sentido tratar da chacina deslocado de um contexto. Então, começamos a conhecer a cidade, e nos interessamos pelas coisas daqui. A violência será um dos pontos abordados, mas não o único. Não temos intenção de mostrar sensacionalismo e sim o lado humano", explicou.

Junto com a equipe de produção, formada pelo operador de câmera, Diego Gozze, o fotógrafo, Fábio Braga e a jornalista Graciete Grace, Kiko percorreu bairros das duas cidades, onde ocorreu a chacina e ouviu histórias que o emocionaram e fizeram rever o enfoque principal do longa.

"Quando cheguei, o meu enfoque era a violência da Baixada Fluminense e agora a gente tenta discutir uma série de outros aspectos. Nós viemos aqui para ouvir histórias e estamos ouvindo. Algumas dessas histórias passam pela violência, outras não. Estamos em busca de personagens e encontramos pessoas que não tem nada a ver com a chacina", contou Kiko.



Diego Gozze, Fábio Braga, Kiko Golfman e Graciete Grace percorreram a região e conversaram com moradores